



Universidade Federal de Juiz de Fora

Programa de Pós Graduação em Ecologia

Aline Moreira de Siqueira

**ETNOFARMACOLOGIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO
SEBASTIÃO DA BOA VISTA, MUNICÍPIO DE SANTOS
DUMONT/MG**

Juiz de Fora
2014

Aline Moreira de Siqueira

ETNOFARMACOLOGIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO
SEBASTIÃO DA BOA VISTA, MUNICÍPIO DE SANTOS
DUMONT/MG

Dissertação apresentada ao Programa de
Pós-Graduação em Ecologia da
Universidade Federal de Juiz de Fora,
como parte dos requisitos necessários à
obtenção do grau de Mestre em Ecologia
Aplicada a Conservação e Manejo de
Recursos Naturais.

Orientador: Prof. Dr. Daniel Sales Pimenta
Coorientador: Prof. Dr. Leonardo Oliveira Carneiro

Juiz de Fora
2014

Aline Moreira de Siqueira

ETNOFARMACOLOGIA NA COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO SEBASTIÃO
DA BOA VISTA, MUNICÍPIO DE SANTOS DUMONT/MG

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, como parte dos requisitos necessários à obtenção do grau de Mestre em Ecologia Aplicada a Conservação e Manejo de Recursos Naturais.

BANCA EXAMINADORA

Prof. Dra. Viviane Stern da Fonseca Kruel
Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro

Prof. Dra. Luciana Moreira
Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF
Campus de Governador Valadares

Prof. Dr. Daniel Sales Pimenta
Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF

*Dedico esse trabalho aos meus pais,
que me deixaram a educação como herança maior.*

“Se enxerguei mais longe foi porque estive sobre ombros de gigantes”

Isaac Newton

AGRADECIMENTOS

Quero agradecer aos membros da Comunidade Quilombola São Sebastião da Boa Vista, pois, sem a confiança e a colaboração deles, não teria se concretizado esta Dissertação.

À minha família, especialmente à minha mãe, pai, avó e irmã que, com muito amor me apoiaram e entenderam o isolamento da escrita, sem eles e sem o apoio deles, este trabalho não teria sentido.

Ao Programa de Graduação em Ecologia da Universidade Federal de Juiz de Fora, que me acolheram em busca da qualificação profissional, especialmente ao José Carlos, Malafaia e Rosi!

À Capes, que proporcionou a bolsa de estudos do mestrado.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Daniel Sales Pimenta, pela condução do trabalho e pelas experiências de aprendizagem.

Ao Prof. Dr. Leonardo Carneiro, por ter se disposto a nos ajudar com a aproximação à comunidade.

Aos professores da banca, Dra. Viviane Fonseca Krueel, Dra. Luciana Chedier, Dr. Reinaldo Duque e Dra. Eliana Rodrigues.

Às companheiras de laboratório, Flávia e Ana Cristina.

À amiga, Izabela, por todo incentivo, dedicação, presença fundamental para a realização desse estudo, sempre esteve presente nos trabalhos de campo, em todos os momentos pude contar com a sua amizade!

Ao amigo, Bruno, pelos conhecimentos compartilhados, além de toda disposição, paciência, incentivo, apoio, risadas.

Ao, Rafael, por todo carinho, incentivo, companheirismo e entendimento.

A todos meus amigos, que estiveram comigo durante esse processo: Amanda Surerus, Arthur Dias, Amanda Leandro, Elaine Eurico e Filipe Ângelo, muito obrigada!

À garagem da UFJF, por que sem os transportes, esse trabalho seria inviável!

Ao Herbário CESJ!

A Deus.

RESUMO

Comunidades tradicionais, tais como os quilombolas, descendentes de escravos, utilizam recursos naturais como recursos terapêuticos para o tratamento de doenças. O objetivo dessa pesquisa foi realizar um estudo etnofarmacológico na comunidade quilombola São Sebastião da Boa Vista, município de Santos Dumont, MG/Brasil.

O trabalho de campo, com duração de 19 meses, foram orientados por métodos da antropologia, botânica e zoologia. Um entrevistado autointitulado ou indicado pela família foi selecionado em cada uma das 26 casas da comunidade para o estudo. Foram utilizadas análises estatísticas para obtenção do Valor de Uso e Concordância de Usos principais corrigidos das plantas. Um total de 106 plantas e três animais foi relatado em 366 receitas compreendidas em 53 fins terapêuticos. Estes foram incluídos em 15 categorias de uso, destacando-se: doenças do aparelho respiratório, doenças do sistema circulatório, doenças da pele e do tecido, doenças do aparelho geniturinário, doenças infecciosas intestinais. Dos 26 que fazem uso da medicina local, há uma bruxa e uma benzedeira. Do total de plantas, 101 foram identificadas até nível específico sendo dessas, 40% são nativas do Brasil e a maioria das exóticas é proveniente da Ásia e Europa, totalizando 49 famílias botânicas. Os recursos terapêuticos não vegetais mencionados com seus respectivos usos foram: “chifre de boi” para verme e dor de barriga, “casco de tatu” para sinusite, “espinha de peixe” para a memória e “barro” para anemia. Das 22 espécies selecionadas para confrontar com a literatura científica, 21 foram encontradas confirmação quanto ao uso principal. Portanto, a comunidade faz uso de plantas e animais para fins terapêuticos e o uso destas plantas está respaldado pelo conhecimento científico, porém o estudo revelou o uso relevante de espécies exóticas.

Palavras-chave: Conservação, etnofarmacologia, quilombola.

ABSTRACT

Traditional communities, such as the quilombolas, descendants of slaves, use natural resources as therapeutic resources for the treatment of diseases. The objective of this research is to realize a quilombola community ethnopharmacological study in São Sebastião da Boa Vista, the city of Santos Dumont, MG / Brazil.

19 months of fieldwork were driven methods of anthropology, botany and zoology. A self-styled reference of each of the 26 homes in the community was selected for the study. Value of Use and Agreement Uses major fixed plant analyzes were used. A total of 108 plants and three animals were cited in 139 recipes comprising 31 therapeutic purposes. These were included in 15 categories of use, especially: respiratory diseases, diseases of the circulatory system, diseases of the skin and tissue, genitourinary diseases, intestinal infectious diseases. Of the 26 that make use of local medicine, there is a witch and a prayer maker. 106 plants, 101 of which were identified to specific level and seis to genus were raised. Of these 101 species, 40 % are native to Brazil and most exotic is from Asia and Europe, totaling 49 botanical families. Therapeutic resources vegetables not mentioned with their respective uses were " bull's horn " to worm and stomachache, " hull Armadillo " for sinusitis, " herringbone " into memory and " clay " to anemia. Based on the Value of Use, the 10 plants that stood out and all four are native showed coincidence as the principal use and their pharmacological activity reported in the scientific literature. Therefore, the community makes use of plants and animals for therapeutic purposes and the use of these plants is backed by scientific knowledge, but the study revealed the relevant use and compromising of exotic species.

Keywords: Conservation, ethnopharmacology, quilombola.

LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1: Mapa de Minas Gerais com as comunidades quilombolas registradas até maio de 2007.....	20
Figura 2: Área de estudo da comunidade São Sebastião da Boa Vista, Santos Dumont, MG. Visão aérea do programa <i>Google Earth</i> mostrando as dimensões da comunidade.....	25
Figura 3: Reunião na sede da Associação de Moradores para apresentação da TAP.....	27
Figura 4: 1. Cartaz do evento KIZOMBA NAMATA realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora. 2. Programação do evento KIZOMBA NAMATA. 3. Exposição de fotos e pintura das comunidades ocorrida no evento.....	29
Figura 5: Grupo focal realizado na comunidade.....	30
Figura 6: Comunidade São Sebastião da Boa Vista. A: Vista sobre a comunidade; B: Localização geográfica; C: Moradores em seus cotidianos; D: Casa ao estilo comum na comunidade.....	35

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1: Ocupação dos entrevistados da comunidade São Sebastião da Boa Vista.....	38
Gráfico 2: Utilização apenas de remédios naturais e remédios industrializados e naturais pelos entrevistados.....	40
Gráfico 3: Hábito de crescimento das plantas citadas pelos entrevistados.....	47
Gráfico 4: Parte das plantas utilizadas pelos entrevistados.....	48

LISTA DE TABELAS

Tabela 1: Idade e sexo dos entrevistados da comunidade São Sebastião da Boa Vista.....	39
Tabela 2: Doenças mais recorrentes na comunidade citadas pelos entrevistados e categorizadas pela CID10.....	41
Tabela 3: Doenças de acordo com as plantas citadas classificadas de acordo com CID-10 e a doença principal por categoria.....	41
Tabela 4: Plantas medicinais utilizadas na comunidade quilombola São Sebastião da Boa Vista obtidas pelas entrevistas etnofarmacológicas.....	43
Tabela 5: As 21 espécies com VU acima de 0,19.....	50
Tabela 6: Espécies com valores percentuais de Concordância Corrigida quanto aos Usos Principais (CUPc) maiores que 25%, em ordem decrescente. Os usos referidos na tabela são os usos considerados principais. A parte da planta referida corresponde à utilizada conforme o uso principal.....	51
Tabela 7: Espécies selecionadas para estudo de revisão em literatura científica e demais informações, a partir do levantamento etnofarmacológico.....	54

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	14
2 REVISÃO DA LITERATURA	16
2.1 ETNOBIOLOGIA.....	16
2.2 ETNOBOTÂNICA.....	16
2.3 ETNOFARMACOLOGIA.....	16
2.4 A IMPORTANCIA DA ETNOFARMACOLOGIA NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE.....	17
2.5 CONCEITO DE COMUNIDADE QUILOMBOLA.....	18
2.6 FORMAÇÃO DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM MINAS GERAIS.....	19
2.7 A SITUAÇÃO ATUAL DOS QUILOMBOS DE MINAS GERAIS.....	20
2.8 HISTÓRICO DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	21
3 OBJETIVOS	24
3.1 OBJETIVOS GERAIS.....	24
3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS.....	24
4 MATERIAIS E MÉTODOS	25
4.1 OBTENÇÃO DE CONSENTIMENTO ÉTICO PARA FINS DE PESQUISA CIENTÍFICA – ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS.....	25
4.2 ÁREA DE ESTUDO.....	25
4.3 APROXIMAÇÃO À COMUNIDADE.....	26
4.3.1 ETNOGRAFIA.....	26
4.3.2 KIZOMBA NAMATA.....	27
4.4 GRUPO FOCAL.....	30
4.5 COLETA DE DADOS SOCIAIS E ETNOFAMACOLÓGICOS DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	29
4.5.1 ENTREVISTAS.....	30
4.5.2 COLETA E HERBORIZAÇÃO.....	31

4.6 ORIGEM DAS PLANTAS E ESPÉCIES AMEAÇADAS.....	32
4.7 CATEGORIZAÇÃO DAS DOENÇAS.....	32
4.8 ANÁLISES ESTADÍSTICAS.....	32
4.9 FREQUÊNCIA DE CITAÇÃO.....	34
4.10 RECURSOS NATURAIS NÃO VEGETAIS.....	34
4.11 CONFIRMAÇÕES FARMACOLÓGICAS DAS PLANTAS LEVANTADAS FRENTE À LITERATURA CIENTÍFICA.....	35
4.12 RETORNO DA PESQUISA PARA A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	35
5 RESULTADOS E DISCUSSÃO.....	36
5.1 ÁREA DE ESTUDO.....	36
5.2 APROXIMAÇÃO À COMUNIDADE.....	37
5.3 GRUPO FOCAL.....	38
5.4 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ENTREVISTADOS.....	38
5.4.1 GÊNERO E FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS.....	39
5.5 USO DE PLANTAS MEDICINAIS NA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	39
5.6 EPIDEMIOLOGIA DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	40
5.7 RESULTADOS DA COLETA DE DADOS ETNOFARMACOLÓGICOS/ DADOS BOTÂNICOS.....	42
5.8 IMPORTÂNCIA DAS ESPÉCIES ESTUDADAS.....	49
5.9 RECURSOS NATURAIS NÃO-VEGETAIS.....	52
5.10 CONFIRMAÇÕES FARMACOLÓGICAS.....	52
5.11 RETORNO DA PESQUISA PARA A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.....	55
6 CONCLUSÃO.....	56
REFERÊNCIAS.....	57
ANEXOS.....	70

INTRODUÇÃO

A prática de se utilizar plantas como um recurso terapêutico é uma das formas mais antigas da medicina humana (VEIGA JR. *et al.*, 2005). Muitas comunidades tradicionais utilizam-se de recursos naturais locais como o único recurso no tratamento e cura de enfermidades (MACIEL *et al.*, 2002). Porém, ao longo dos anos, as populações tradicionais têm sofrido forte pressão econômica e grande perda de identidade cultural imposta pela sociedade urbana, acarretando, dessa forma, em desagregação dos sistemas de vida tradicionais e a devastação do meio ambiente (AMOROZO e GÉLY, 1988). Segundo Pasa *et al.* (2005) é necessário resgatar esse conhecimento, de modo que esse valioso saber local não se perca.

As altas taxas de biodiversidade e endemismo dos biomas brasileiros, quando aliados à preservação da grande diversidade das sociedades brasileiras, resultam em uma vasta possibilidade de conhecimento da flora (RODRIGUES e CARLINI, 2003). Porém, a destruição de biomas coloca em risco a perda de preciosas informações acerca da flora nativa, pois dentre as 60 a 250 mil espécies de vegetais existentes supõe-se que pelo menos 40% são portadoras de recursos terapêuticos, sendo que a maioria ainda não foi estudada (BRAZ-FILHO, 1994).

Dentre os principais ecossistemas brasileiros, está a Mata Atlântica, que historicamente vem sendo submetida a uma maior interferência antrópica (SYLVESTRE e ROSA, 2002). Segundo Ab'Sáber (2008), restam apenas 7% da mata original. Das quais a maior parte das áreas ainda preservadas estão habitadas por comunidades tradicionais (ARRUDA, 1999) e dentre elas estão os quilombolas, descendentes de escravos que se destacam como grupos humanos promissores em conhecimentos relativos às plantas medicinais (DIEGUES, 2000).

No Brasil existem 1.248 comunidades remanescentes de quilombos, distribuídas em todas as regiões do país (NAZARETH e FERNANDES, 2009). No entanto, observa-se que o número de estudos realizados sobre plantas medicinais até o momento é muito incipiente diante do universo total de comunidades quilombolas no território brasileiro, dentre os quais se pode citar: Camargo, 1988; Voeks, 1997; Camargo, 1998; Rodrigues e Carlini, 2004; Rodrigues, 2006; Franco e Barros, 2006; Pinto *et al.* 2006; Montelles e Pinheiro, 2007; Sales *et al.* 2009; Albuquerque, 2001; Crepaldi e Peixoto, 2010, Oliveira *et al.* 2011, Gomes e Bandeira, 2012.

A tendência é observar cada vez mais o estreitamento de laços entre o avanço tecnológico e os conhecimentos populares visando a melhoraria na qualidade de vida das pessoas (FRANÇA *et al.*, 2007). Essa aproximação está tornando cada vez mais acentuada, pois, segundo a Organização Mundial de Saúde (OMS, 2008) 80% da população mundial faz uso de alguma medicação à base de plantas medicinais, e o embasamento que possuem sobre a utilização de determinados vegetais consiste em sua maioria nos relatos familiares ou pessoais (SILVEIRA *et al.*, 2008). Nessa perspectiva cabe aos governos ampliar as pesquisas a fim de adotar novas formas de utilização das novas plantas, e descobrir as que estejam de acordo com as crenças populares (TOMAZZONI *et al.*, 2006). O levantamento que é feito das espécies pelas comunidades são incluídas na lista de plantas utilizadas em programas de fitoterapia favorecendo assim o resultado e o reconhecimento desses programas (SCHEFFER *et al.*, 1999).

2 REVISÃO DA LITERATURA

2.1 ETNOBIOLOGIA

Segundo Diegues *et al.* (2000) conhecimento tradicional tem como definição o conjunto de saberes sobre o mundo natural e sobrenatural, sendo transmitido de forma oral entre as gerações. A ciência que se ocupa de estudar esse conhecimento tradicional é a etnobiologia, que se define como o estudo dos saberes e dos conceitos concebidos acerca dos seres vivos, além de estudar as conceituações dos fenômenos naturais por todo e qualquer tipo de cultura (ALBUQUERQUE, 2005). Posey (1987) define etnobiologia como o estudo do papel da natureza no sistema de crenças e de adaptações do homem a determinados ambientes.

2.2 ETNOBOTÂNICA

Inserida no domínio da etnobiologia, está a etnobotânica, cujo termo foi usado pela primeira vez em 1895 pelo americano J. W. Harshberger, e foi no ano seguinte, no artigo *The purposes of ethno-botany*, escrito pelo mesmo autor, em que o termo ganhou maior significado (ALBUQUERQUE, 2005).

Acredita-se que a etnobotânica teve início junto com o aparecimento da espécie humana, a partir do momento em que ocorreu a interação entre homem e reino vegetal (SCHULTS e REIS, 1995). Segundo Alexíades (1995), a etnobotânica permite através de sua extensa variedade de perspectivas conhecer de modo mais profundo a interação entre sociedade e plantas. É um campo que se encarrega de estudar a inter-relação direta entre as plantas no contexto geral e a sociedade humana (ALBUQUERQUE, 2005).

2.3 ETNOFARMACOLOGIA

Neste acervo de conhecimentos, insere-se o estudo relativo ao mundo das plantas medicinais com o qual as comunidades tradicionais estão em constante contato (AMOROZO, 1996). Como estratégia à investigação de plantas medicinais tem-se a abordagem etnofarmacológica, que busca combinar informações adquiridas junto a usuários de plantas medicinais com estudos químicos e farmacológicos (ELISABETSKY, 2003 e BERLIN, 1992). De acordo com a Resolução - RDC nº10, de

09 de março de 2010, plantas medicinais são aquelas espécies vegetais cultivadas ou não que possuem finalidades terapêuticas (ANVISA, 2010).

A etnofarmacologia consiste em uma exploração interdisciplinar que abrange as ciências biológicas e as sociais (ETKIN e ELISABETSKY, 2005). A etnofarmacologia tem demonstrado um grande potencial na descoberta de novas plantas com finalidades terapêuticas (ALBUQUERQUE e HANAZAKI, 2006; RODRIGUES e CARLINI, 2003). Em seu estudo, Elisabetsky (2003) ressalta a importância dos modelos *in vivo* em estudos etnofarmacológicos devido à identificação de diversas plantas com o perfil de ação ainda desconhecido.

Na Resolução RDC nº17 de 24/02/2000, o estudo etnofarmacológico foi citado como um dos mecanismos de conhecimento de fitoterápicos:

Medicamento fitoterápico tradicional é aquele elaborado a partir de planta medicinal de uso alicerçado na tradição popular, sem evidências, conhecidos ou informados de risco à saúde do usuário, cuja eficácia é validada através de levantamentos etnofarmacológicos, de utilização, documentação tecnocientífica ou publicações indexadas (ANVISA, 2000).

2.4 A IMPORTÂNCIA DA ETNOFARMACOLOGIA NA CONSERVAÇÃO DA BIODIVERSIDADE

O conhecimento adquirido de populações tradicionais através da estreita relação com o meio natural é fundamental para a manutenção da diversidade biológica (POSEY, 1987). O termo “biodiversidade” é entendido como a variabilidade dos organismos vivos, que abrange ecossistemas terrestres, aquáticos, incluindo todos os seus complexos, envolvendo, assim, a diversidade dentro de espécies, entre espécies e de ecossistemas (BRASIL, 2002). Para Diegues *et al.* (2000) a biodiversidade é mais do que um produto da natureza, ela é também fruto de uma ação cultural e social da sociedade humana sobre o ambiente, em particular, das sociedades tradicionais não-industriais. Essa ação das comunidades na natureza resulta em diversos efeitos no ambiente (ALBUQUERQUE et al, 2010). A experiência acumulada de comunidades tradicionais confere um sistema próprio de manejo, constituindo um excelente instrumento na manutenção dessas áreas, assim, muitas dessas técnicas informais podem ser mais eficientes do que as científicas, pois estão naturalmente adaptadas às condições locais de clima, solo e vegetação (ALBUQUERQUE e ANDRADE 2002).

Segundo Guarim Neto *et al.* (2010) os registros de conhecimentos etnofarmacológicos por comunidades tradicionais são de grande importância para a conservação da biodiversidade, e o saber popular é um importante aliado na manutenção do meio ambiente. Martin (1995) aponta a importância da etnofarmacologia na conservação como um grande instrumento de comunicação e diálogo com os povos locais. Alexíades (1995) aborda duas maneiras de como a etnofarmacologia colabora com a manutenção da natureza: através da avaliação do impacto ecológico, evolutivo e genético ou através de novas formas de manejo do meio.

Partindo do pressuposto que muitas espécies de plantas são medicinais, a conservação dessas plantas influencia na conservação de plantas em geral, e o significado que as plantas medicinais possuem para diversas sociedades proporcionam um envolvimento das pessoas para a conservação dos habitats e dos recursos naturais (HAMILTON, 2004). Segundo Oliveira *et al.* (2005) a criação de medidas de conservação de plantas terapêuticas usadas por comunidades tradicionais é um ponto importante para o desenvolvimento da sustentabilidade do meio ambiente.

2.5 CONCEITO DE COMUNIDADE QUILOMBOLA

Já foi muito debatido o conceito de comunidade quilombola em meios acadêmicos e no campo jurídico-legal (SANTOS e CAMARGO, 2008). Segundo a Constituição da República não há uma definição específica, ela se encontra no Decreto 4887, de 2003, que define quilombos como:

Art. 2º – Consideram-se remanescentes das comunidades dos quilombos, para os fins deste Decreto, os grupos étnico-raciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão histórica sofrida (BRASIL, 2003).

Segundo o Conselho Ultramarino, em 1740, o significado de comunidade quilombola se dava pela seguinte definição: “toda habitação de negros fugidos, que passem de cinco, em parte despovoada, ainda que não tenham ranchos levantados e nem se achem pilões nele”, e permeou como definição de quilombo até meados dos anos 1970 (SCHMITT *et al.*, 2002).

2.6 FORMAÇÃO DE COMUNIDADES QUILOMBOLAS EM MINAS GERAIS

A diversidade da sociedade mineira no século XVIII em sua estrutura social também era um fator muito marcante na época, o escravo, considerado juridicamente desigual em relação aos demais, foi o grande protagonista das atividades econômicas e da dinâmica social, sofrendo com penas severas regulamentadas (GUIMARÃES, 2007).

Os escravos viram na formação dos quilombos uma alternativa ao sistema escravocrata, priorizando os locais de difícil acesso naturais e sociais, buscando o distanciamento do sistema então vigente (COSTA, 2007). Os quilombos eram majoritariamente formados por escravos fugidos (GUIMARÃES, 2007). A palavra “quilombo” é de origem Bantu e significa “acampamento guerreiro na floresta”, foi popularizada pelos portugueses para se referir às populações constituídas por escravos fugidos, tem um forte significado no movimento de resistências, e representa um grande ícone da luta contra a dominação colonial (LEITE, 2008).

Grande parte das comunidades quilombolas de Minas Gerais se formou após a abolição do sistema escravista colonial em 1888 (Lei Áurea) (SANTOS e CAMARGO, 2008). A opressão da sociedade brasileira contra a população negra continuava a se reproduzir mesmo após a instauração da lei, e isso era um dos grandes motivos que incentivava a manutenção das comunidades quilombolas (CALHEIROS e STADTLER, 2010). O tamanho do contingente populacional dos quilombos em Minas Gerais era variável, ainda que predominassem os de menor porte devido a mais fácil organização e serem mais prático em caso de fuga (GUIMARÃES, 2007).

No século XVIII, deu-se início a cultura popular, tipo de manifestação cultural em que o povo é o principal protagonista (dança, música, festas, literatura, folclore, arte), aceita por grande parte da sociedade, que compartilhava crenças da África e de Portugal, representando um impedimento à imposição da cultura portuguesa (RAMOS, 2000).

Com relação aos recursos naturais, observa-se que os remanescentes de quilombos ainda possuem grande contato com a natureza, e estabelecem fortes vínculos com o meio ambiente, e essa relação teve forte influência indígena, com destaque no conhecimento empírico de práticas conservacionistas e manejo, no uso de utensílios produzidos por fibras vegetais, óleos e essências, caça e plantas medicinais (GUARIM NETO *et al.*, 2010).

2.7 A SITUAÇÃO ATUAL DOS QUILOMBOS DE MINAS GERAIS

As comunidades quilombolas, marginalizadas desde o início de sua formação, eram destituídas das políticas sociais vigentes no País. O saneamento básico é muito precário nessas comunidades, assim como o atendimento à saúde. A fonte de renda é muito reduzida das pessoas que vivem nessas comunidades, a maioria são trabalhadores rurais que recebem pelo sistema de diárias. (SANTOS e CAMARGO, 2008).

Porém, a situação desses grupos sociais foi modificada em 1988 quando, pela primeira vez, a Constituição Federal reconhece a diversidade étnica e cultural do Brasil, ao instituir o Artigo 68 do seu Ato das Disposições Constitucionais Transitórias estabelecendo: “Aos remanescentes das comunidades dos quilombos que estejam ocupando suas terras é reconhecida a propriedade definitiva, devendo o Estado emitir-lhes os títulos respectivos” (BRASIL, 2013).

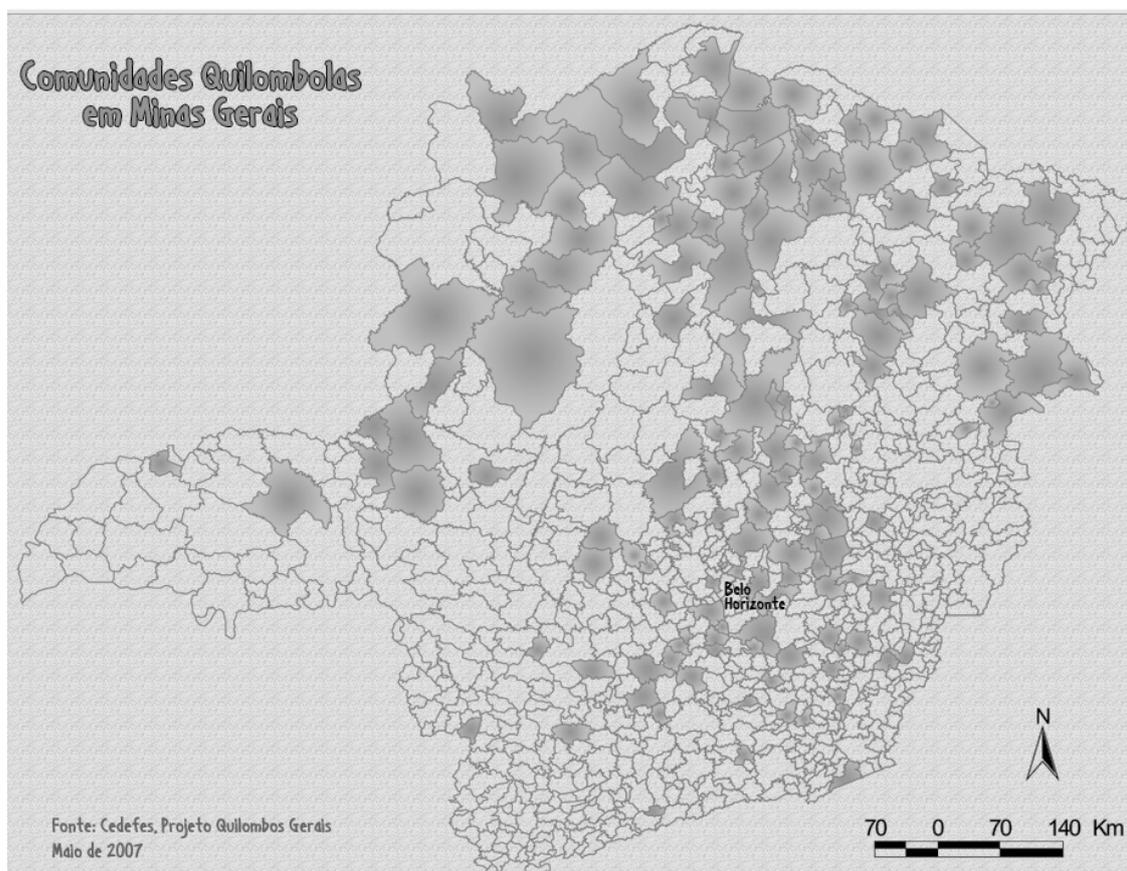


Figura 1: Mapa de Minas Gerais com as comunidades quilombolas registradas até maio de 2007.
Fonte: Cedefes.

Minas Gerais conta com mais de 400 comunidades quilombolas distribuídas em 170 municípios, sendo a grande maioria localizada em áreas rurais (CEDEFES, 2008). A população quilombola de Minas Gerais é em grande parte oriunda do povo Bantu e

todos os dialetos identificados em Minas Gerais são dessa matriz linguística africana (CEDEFES, 2008).

Já Julita Scarano e Célia Borges, citados por Soares (1998) estudando as irmandades do Rosário de Minas Gerais, identificam uma grande variedade de grupos africanos. Nestes levantamentos aparecem tanto grupos étnicos quanto de procedência. Julita Scarano mostra que nas irmandades mineiras predominam os minas e os nagôs. Menciona ainda os angolas, os benguelas e, em seguida, “todo um desfilar de nações”, algumas com apenas dois ou três representantes: dagomé (daomé), tapa, congo-cabinda, moçambique, maqui, sabará, timbu, cobu, xambá, malé. Em tese recente, Célia Borges apresenta um levantamento do livro de entrada de associados da irmandade de N. S. do Rosário, de Mariana. Entre os anos de 1750 e 1760, arrola um total de 283 entradas de irmãos “sudaneses” assim discriminados: 140 minas, sessenta couranas, sete cobus, cinco nagôs, sete sabarus, quatro caboverdes, 21 ladás, 28 fans, um xambá, nove couras e um dagomé, erradamente incluído entre os bantos.

Entretanto Galeano (1999) cita que os escravos preferenciais para trabalhos na mineração do ouro em Vila Rica vieram da praia de Whydah, na Guiné, e alega essa preferência pelo fato de serem mais resistentes, viverem por mais tempo e também disporem de poderes sobrenaturais para encontrar o tesouro. Segundo Loures (2004) a Zona da Mata Mineira foi aberta para ocupação à partir da decadência do ouro, tendo sido mantida inacessível para segurança do seu transporte durante a sua condução pelo “Caminho Novo” da Estrada Real. Portanto acredita-se que os Quilombos presentes na Zona da Mata teriam sido originados dos escravos provenientes de Ouro Preto, já que a ocupação desta região se deu pelos abastados de Vila Rica para constituir suas fazendas. Como o ciclo do ouro perdurou por mais de cem anos a circulação escrava variou nessa região e hoje em dia a Comunidade de São Sebastião da Boa Vista desconhece sua origem.

2.8 HISTÓRICO DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA (RELATO DOS PRÓPRIOS MORADORES À FUNDAÇÃO PALMARES COMO PARTE DO REQUISITO PARA O TÍTULO DE COMUNIDADE QUILOMBOLA).

O povoado da comunidade São Sebastião da Boa Vista se originou em meados do século XVIII com a vinda de descendentes de escravos que trabalhavam em regime

de semi-escravidão em fazendas da região. Com o passar do tempo a localidade ficou conhecida como Corujas e recentemente São Sebastião da Boa Vista. O solo era extremamente fértil e havia fazendeiros ao redor da citada comunidade.

Os antepassados contavam que em tempos remotos a comunidade teve crescimento com o trabalho braçal e artesão. Com casa de pau-a-pique, feitas de barro, em mutirões, os moradores sobreviviam sem luz nem água encanada, ao meio de muitas e espalhadas goiabeiras. A luz era de lampião, mas querosene era muito caro para trabalhadores que trabalhavam em troca de um pouco de comida e uma quantia irrisória de dinheiro. Isso obrigava a uma vida diurna, a qual começava assim que o sol nascia.

A luz chegou relativamente há pouco tempo, em 1987, sendo instalado também nesse ano o primeiro telefone da comunidade.

A primeira escola da comunidade era uma das casas da fazenda, sendo derrubada e a nova escola construída em 1985.

Um marco na comunidade foi a construção da Igreja Católica. Primeiramente os moradores frequentavam a Igreja de Cruzeiro, em Nova Dorés, local próximo da comunidade. Com o crescimento da comunidade e alguns mutirões, alcançaram a construção da capela na própria comunidade, sendo a construção de 1990 a 1995.

Podem-se destacar grandes figuras que muito colaboraram para a história e formação da comunidade, tais como: João Rodrigues Mendes (popular João Pires) fazia esteira de carro de boi, balaio para a colheita de milho, Antônio Rodrigues Mendes cuja função era tropeiro, Dona Josefa Joaquina Mendes, grande conselheira, teve a função muito importante na comunidade, pelo grande conhecimento que tinha dos remédios caseiros, feitos com ervas plantadas nas hortas ou retiradas na mata. Senhor Wlisses Mendes muito colaborou para a construção da comunidade, nas horas que estava de folga do seu trabalho na roça era artesão fazia trabalhos criativos com taquara.

As famílias mais antigas da comunidade são Mendes, Silva e Ferreira (a mais numerosa de todas é a Silva). Todas foram importantes para o engrandecimento da terra principalmente dos fazendeiros que residiam próximos à comunidade.

A base econômica e de sustentação da comunidade até hoje é a agropecuária. Existiam também outras atividades como o cultivo de feijão, arroz e café. O café era plantado, colhido, torrado e socado para o consumo dos fazendeiros e para o seu próprio. Tudo era produzido na comunidade.

O nome da comunidade foi sugerido pelo morador Ademar Mendes em um encontro realizado na localidade. Ademar Mendes, por ser devoto de São Sebastião, de

à comunidade o nome de São Sebastião da Boa Vista e todos os presentes concordaram com a sugestão, e passaram a substituir o antigo nome “Corujas”.

Este trabalho, com base na investigação etnofarmacológica, foi estabelecido nesta comunidade quilombola, que já vinha tendo trabalhos realizados pelo grupo liderado pelo Professor Leonardo Carneiro, do Departamento de Geografia da UFJF.

3 OBJETIVOS

3.1 OBJETIVOS GERAIS:

Contribuir para a documentação de recursos naturais terapêuticos na comunidade Quilombola de São Sebastião da Boa Vista e analisar a relevância desse conhecimento para a biodiversidade local.

3.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Registrar, documentar e resgatar os conhecimentos tradicionais relativos aos recursos naturais terapêuticos, com suas respectivas finalidades e forma de preparo.

Registrar o uso de espécies exóticas e nativas utilizadas como medicinais e relaciona-las com a conservação da biodiversidade local.

Registrar as espécies e famílias botânicas mais versáteis e contextualizar com a pressão de uso sobre as mesmas.

Caracterizar o perfil dos entrevistados da comunidade quilombola São Sebastião da Boa Vista.

Contribuir para a preservação desse conhecimento tradicional nas futuras gerações.

4 MATERIAIS E MÉTODOS

4.1 OBTENÇÃO DE TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FINS DE PESQUISA CIENTÍFICA – ASPECTOS ÉTICOS E LEGAIS.

As pesquisas com acesso ao conhecimento tradicional foram submetidas às medidas governamentais com o intuito de controlar o acesso à biodiversidade e ao saber tradicional (ALBUQUERQUE et al., 2010). Segundo os preceitos e diretrizes do CGEN/MMA nº 279, de 20 de setembro de 2011, de acordo com a Medida Provisória nº 2.186-16, de 23 de agosto de 2001 e do Decreto nº 3.945, de 28 de setembro de 2001, foi concedido à referida pesquisa a autorização de Acesso ao Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético, mediante ao Diário Oficial da União, nº 28, do dia oito de fevereiro de 2013, em conformidade com o Processo nº 01450.010839/2012-62 (Anexo 1, 2 e 5).

4.2 ÁREA DE ESTUDO

A comunidade quilombola São Sebastião da Boa Vista (21°31'0.24''S e 43°39'30.26''O) é um distrito rural do município de Santos Dumont, se localiza na mesorregião da Zona da Mata no estado de Minas Gerais, Brasil (Figura 2).

A área cuja comunidade está inserida possui um relevo bastante acidentado, esse tipo de relevo é conhecido como complexo da Serra da Mantiqueira, tendo como principal característica geomorfológica os “Mares de Morros”, que são extensas cadeias montanhosas (AB´SABER, 2008).

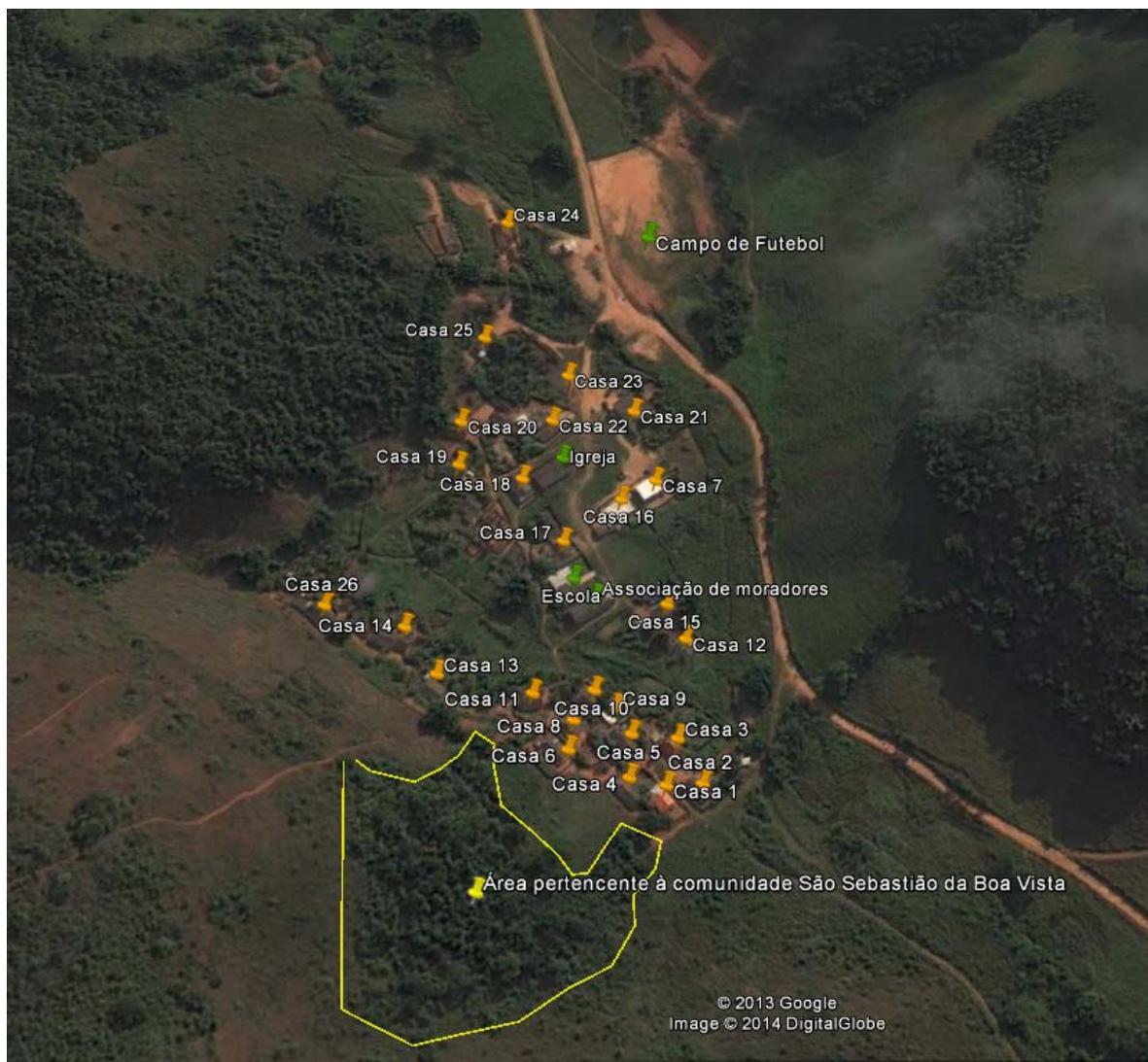


Figura 2: Área de estudo na comunidade Sebastião da Boa Vista, Santos Dumont, MG. Visão aérea do programa Google Earth mostrando as dimensões da comunidade.

Essa região apresenta altitude de 1000 m acima do nível do mar e é circundada principalmente por pastagens, porém são encontrados diversos fragmentos florestais da mata atlântica próximos à comunidade com características de floresta atlântica estacional Semidecidual (FES). A região apresenta clima caracterizado por duas estações diferenciadas: uma de outubro a abril, com temperaturas mais elevadas e maiores precipitações, e outra de maio a setembro, cujas temperaturas são mais brandas e quando ocorrem estiagens (SEBRAE, 1999). Esse período mais seco é curto e dura de dois a três meses, coincidindo com o inverno. O total pluviométrico varia em torno 1500 mm. A temperatura média anual é de aproximadamente 20°C, sendo que a média das máximas é de 21°C e a das mínimas, de 19°C (SEBRAE, 1999).

4.3 APROXIMAÇÃO À COMUNIDADE

4.3.1 ETNOGRAFIA

Além do diário de campo, utilizou-se o método observação participante (BERNARD, 1988; MARTIN, 1995) no qual foram realizadas visitas informais em todas as 26 casas existente na comunidade ao longo dos meses de março a setembro de 2012. Essa metodologia visou a apresentação da equipe de pesquisadores aos moradores além de estreitar laços com a comunidade. Através desses encontros foi possível detectar informalmente as principais questões históricas e algumas relacionadas ao acesso aos serviços públicos de saúde, educação e transporte.

Realizou-se uma reunião geral na sede da Associação de Moradores, junto aos moradores representantes da comunidade e o professor Leonardo Carneiro, responsável pela apresentação desse trabalho à comunidade, na qual foi apresentado o termo de Consentimento Prévio Assistido para a autorização de estudos científicos na comunidade (Figura 3).



Figura 3: Reunião na sede da Associação de Moradores para apresentação da TAP. Seta vermelha: Prof. Dr. Leonardo Carneiro. Seta azul: Líder da comunidade Sr. Joaquim. Seta branca: Executora da pesquisa.

4.3.2 KIZOMBA NAMATA

Outra forma de aproximação utilizada à comunidade foi a realização de um evento intitulado KIZOMBA NAMATA. Foi organizado pelos professores Daniel Sales Pimenta, do Departamento de Botânica/UFJF, Leonardo Oliveira Carneiro do

Departamento de Geografia/UFJF, alunos do mestrado (incluindo a executora da referida pesquisa), alunos do doutorado e graduação. O KIZOMBA NAMATA foi um evento, que reuniu comunidades Quilombolas da Zona da Mata. O encontro contou com a participação de treze grupos, dentre eles cinco comunidades quilombolas da Zona da Mata Mineira (Botafogo, Colônia do Paiol, São Bento, São Sebastião da Boa Vista e São Pedro de Cima) e uma comunidade do Rio de Janeiro (São José da Serra). Ocorrido na própria Universidade Federal de Juiz de Fora com duração de três dias, teve como proposta promover a discussão sobre a identidade e demarcação de terras de comunidades quilombolas além de esclarecer alguns pontos como a inserção dos jovens dessas comunidades às universidades.

Fizeram parte da programação conferências, mesas redondas, diálogos direcionados, oficinas, exposição de fotografias e apresentações culturais com o objetivo de valorizar a cultura quilombola (Figura 4).



Figura 4 – 1) Cartaz do evento KIZOMBA NAMATA realizado na Universidade Federal de Juiz de Fora. 2) Programação do evento KIZOMBA NAMATA. 3) Exposição de fotos e pintura das comunidades ocorrida no evento. Fonte: <http://www.ufjf.br/proex/2012/09/27/kizomba-namata-abertas-inscricoes-para-encontro-de-comunidades-quilombolas/>

4.4 GRUPO FOCAL

Foram selecionadas 22 plantas de acordo com o número de citação para a composição da cartilha, compêndio sugerido como forma de retorno durante a pesquisa e eleito pelos próprios moradores da comunidade. Com o intuito de confirmar e corrigir os dados sobre as plantas, um grupo focal denominado “troca de saberes” foi realizado ao final da pesquisa de campo (30 de agosto de 2013) com os moradores da comunidade (Figura 5).



Figura 5: Grupo focal realizado na comunidade São Sebastião da Boa Vista

4.5 COLETA DE DADOS SOCIAIS E ETNOFARMACOLÓGICOS DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA

4.5.1 ENTREVISTAS

As entrevistas foram quinzenais e ocorreram no período de outubro de 2012 à janeiro de 2013 com duração média de três dias cada visita. As entrevistas foram acompanhadas pelo presidente da associação da comunidade, Sr. Joaquim, que apresentava a pesquisa aos membros da comunidade, objetivando a relação de confiança, fundamental na evolução da pesquisa.

Por ser uma comunidade pequena, contando com 26 casas, determinou-se entrevistar todas as famílias pertencentes à comunidade, através da adaptação do método varredura, sugerido por Albuquerque *et al.* (2010).

Entrevistou-se um morador por casa, aquele que se autodenominou como maior conhecedor de plantas medicinais ou que foi indicado pela família. Foram aplicados formulários semi estruturados (Anexo 4) (ALEXIÁDES,1996; ETKIN, 1993) através de entrevistas nas quais foram abordadas dados socioculturais e sobre o conhecimento das plantas medicinais dos mesmos. Os formulários se dividiam em duas partes, a primeira abordava os dados pessoais dos entrevistados: nome, idade, sexo, religião, origem (nascido na comunidade ou não), ocupação, grau de escolaridade, com quem aprendeu sobre plantas, se recomenda plantas, quem são as pessoas que mais adoecem na comunidade (idoso, adulto ou criança e homem ou mulher), quais os problemas de saúde mais comuns na comunidade, se alguém aprendeu a utilizar plantas com o entrevistado (quem e quantos), se além das plantas utiliza algum animal ou mineral como remédio, se utiliza remédios industrializados, se em relação às plantas medicinais os remédios industrializados apresentam maior efeito, igual ou menor, se o entrevistado tem acesso ao sistema formal/ público de saúde, se confia no sistema, se o utiliza.

A segunda parte do formulário foram abordados os aspectos etnofarmacológicos, tais como as plantas medicinais utilizadas pelos entrevistados com seus respectivos usos, modo de preparo, quantidade e ingredientes, duração do tratamento, toxidez, onde consegue a planta, qual lua e hora da coleta e demais informações, posologia, duração do tratamento (RODRIGUES e CARLINI, 2003).

Ao final de cada entrevista, o entrevistado assinava o termo de consentimento, o qual reafirmava o compromisso ético da pesquisa com a comunidade (Anexo 5).

4.5.2 COLETA E HERBORIZAÇÃO

Para a coleta das espécies botânicas foi utilizado o método de turnês guiadas, sugerido por Albuquerque e Lucena (2004), onde os entrevistados levaram os pesquisadores aos seus locais de coleta. Nessa etapa foram aplicados os métodos de observação direta em caminhadas livres (*walk-in-the-woods*) (PHILLIPS & GENTRY, 1993; ALEXÍADES, 1996). As coletas foram acompanhadas de anotações adicionais sobre o uso ou alguma observação extra das espécies e, quando possível, foram

capturados registros de vídeo e imagem (filmadora Sony SR82) (FONSECA–KRUEL e PEIXOTO, 2004).

A preparação de exsicatas a partir do material botânico fértil coletado foi realizada seguindo Alexíades (1996) pelo método molhado, onde os mesmos foram separados em folhas de jornal, umedecidas em solução de álcool etílico e água para sua melhor conservação. O material testemunho foi depositado no Herbário Centro de Ensino Superior J (CESJ). Os dados botânicos utilizados para as coletas foram: hábito, floração, frutificação, origem e local de coleta, de acordo com o modelo de ficha proposto por Lipp (1989).

O material botânico não fértil foi identificado através de comparação com amostras do Herbário CESJ- e com os registros de imagens dos Herbários Virtuais e Missouri Botanical Garden, utilizando o sistema de classificação Flora do Brasil e The Plant List.

4.6 ORIGEM DAS PLANTAS E ESPÉCIES AMEAÇADAS

Para determinar a origem de cada espécie vegetal e o hábito da planta foi consultado Lorenzi e Matos (2008) e Lista de Espécies da Flora do Brasil (2013). Quando eram nativas, consultou-se Stehmann et al. (2009) para classificar as pertencentes à Floresta Atlântica. Para averiguar se há espécies ameaçadas, consultou-se da Lista Vermelha da IUCN e Livro Vermelho da Flora do Brasil.

4.7 CATEGORIZAÇÃO DAS DOENÇAS

Categorizou-se as doenças que acometem a comunidade de acordo com a Classificação Internacional de Doenças (CID 10), a qual fornece códigos relativos à classificação de doenças e de uma grande variedade de sinais, sintomas, aspectos anormais, queixas, circunstâncias sociais e causas externas para ferimentos ou doenças.

4.8 ANÁLISES ESTADÍSTICAS

Foram utilizados cálculos estatísticos para obtenção do Valor de Uso (VU), Concordância de Uso Principal (CUPc), Valor de Uso das famílias botânicas (VUFB) e frequência de citação.

Neste estudo utilizou-se o VU de Phillips e Gentry (1993).

Para o cálculo do valor de uso de uma espécie para um informante (UVis) foi utilizada a fórmula:

$$UVis = \Sigma Uis / nis$$

Uis = número de usos mencionados pelo informante para a espécie.

nis = número de entrevistas feitas com o informante.

Porém, neste trabalho nis é sempre 1 (um) para todas as espécies, visto que foi realizada somente uma entrevista por informante. Portanto, o valor de UVis será igual ao de Uis.

Para o cálculo do Valor de Uso de cada espécie (UVs) foi utilizada a fórmula:

$$UVs = \Sigma UVis/n$$

UVis = valor de uso de uma espécie para um informante.

n = número total de entrevistados entrevistados.

O valor de n corresponde ao valor de ns referido por Phillips e Gentry (1993).

Neste estudo foram consideradas as espécies citadas por todos os entrevistados. Para isso, foram realizados os seguintes cálculos para cada espécie:

$$CUP = (ICUP/ ICUE) \times 100$$

CUP = Concordância quanto ao Uso Principal.

ICUP = Número de entrevistados citando o uso principal da espécie.

ICUE = Número total de entrevistados que citaram a espécie.

O número de entrevistados que citaram o uso principal vezes 100, dividido pelo número de entrevistados que citaram a espécie resulta no CUP.

Devido às diferenças no número de entrevistados que citaram usos para cada espécie, é necessária a utilização de um Fator de Correção (FC).

Esse Fator de Correção é dado pela seguinte equação:

$$FC = ICUE/ICEMC$$

FC= Fator de Correção.

ICEMC = Número de entrevistados que citaram a espécie mais citada.

Posteriormente multiplica-se o FC para cada espécie, extraíndo, assim, os valores relativos à espécie mais citada pelos entrevistados (CUPc):

$$\text{CUPc} = \text{CUP} \times \text{FC}$$

CUPc = Concordância quanto ao Uso Principal Corrigido.

Para o cálculo do Valor de Uso da família botânica (VUF) foi utilizada a alternativa proposta por Phillips & Gentry (1993), em que são estimadas as médias dos Valores de Uso das espécies pertencentes a uma família:

$$\text{VUF} = \frac{\sum \text{VUisf}}{\text{nf}}$$

VUF = Valor de Uso da família botânica.

VUisf = Valor de uso da espécie pertencente à família.

nf = Número de espécies registradas para a família.

4.9 FREQUÊNCIA DE CITAÇÃO

Para o cálculo de frequência de citação das famílias e espécies botânicas, utilizou-se o número de vezes que cada espécie/família foi citada pelos entrevistados e calculou-se a porcentagem de cada uma respectivamente.

4.10 RECURSOS NATURAIS NÃO VEGETAIS

Quando os entrevistados relataram o uso de animais para fins terapêuticos e não era possível a coleta devido ao porte do animal ou a dificuldade de encontra-los, estímulos visuais foram utilizados como fotos da literatura e outras informações (nome popular, hábitos e habitat) para identificá-los, seguindo o método utilizado por Garcia et al. (2010).

4.11 CONFIRMAÇÕES FARMACOLÓGICAS DAS PLANTAS SELECIONADAS FRENTE À LITERATURA CIENTÍFICA

Além dos cálculos, foram selecionadas as espécies de acordo com frequência de citação maior ou igual a três. As informações etnofarmacológicas relativas ao uso principal foram confrontadas com a literatura científica obtida através de revisões realizadas no banco de dados Scopus.

4.12 RETORNO DA PESQUISA PARA A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.

A forma de contribuição sugerida pela pesquisadora e escolhida pela comunidade foi a elaboração de um compêndio, no qual o conhecimento sobre plantas medicinais da comunidade foi sistematizado e catalogado. Além disso, no mesmo está registrado o resgate da história e cultura local que foi compilado através da pesquisa.

5. RESULTADOS E DISCUSSÃO

5.1 ÁREA DE ESTUDO

A comunidade São Sebastião da Boa Vista está registrada no Diário Oficial da União com o título de comunidade quilombola sob nº 011, Registro nº 1.167 fl. 183. (Anexo 2).

As casas da comunidade foram construídas no entorno da igreja cujo nome porta o da comunidade (Igreja de São Sebastião da Boa Vista), e conta com 26 casas e 123 moradores (Figura 2). As casas da comunidade estão agrupadas em uma área restrita com cerca de 780000m², cada casa possui o seu quintal e uma horta. Segundo Rodrigues (2006) o isolamento geográfico de comunidades tradicionais ajuda a reforçar os costumes tradicionais terapêuticos pelos habitantes da região e força o improvável da utilização de recursos naturais para o tratamento de doenças. Como já mencionado, São Sebastião da Boa Vista dista 23 km do centro urbano do município de Santos Dumont, o principal acesso à comunidade ocorre de forma precária por estrada de chão, que se inicia em Santos Dumont, passando pela comunidade de Nova Dores e a leste da represa de Chapéu D'Úvas. A condução dos moradores da comunidade geralmente é feita por ônibus coletivos que são oferecidos em dois horários (às 10 horas e às 16 horas), duas vezes por semana.

As terras no entorno da mesma pertencem aos fazendeiros da região. A maioria das casas é feitas de barro (casas de “sopapo”), em que vigas horizontais de bambu dão origem a um grande painel perfurado, os quais são preenchidos com barro, transformando-se em parede (Figura 6). Todos os moradores da comunidade são cristãos, sendo a maioria das famílias católicas e uma evangélica.

Possuem uma escola que oferece o ensino fundamental I, um galpão, onde se instala a sede da associação dos moradores da comunidade, além de espaços comuns como o campo de futebol e um pátio usado nas festas promovidas pela comunidade.

A comunicação é feita por um telefone público e o atendimento à saúde da população é feito pelo Posto de Saúde da comunidade vizinha (Nova Dores) ou pelas Unidades básicas de Saúde do Município de Santos Dumont, MG.

A água que abastece as casas tem origem em uma nascente localizada no entorno da comunidade. Análises laboratoriais confirmaram a contaminação da nascente, assim como nas torneiras das casas, e da escola, sendo caracterizada como imprópria para o consumo humano.

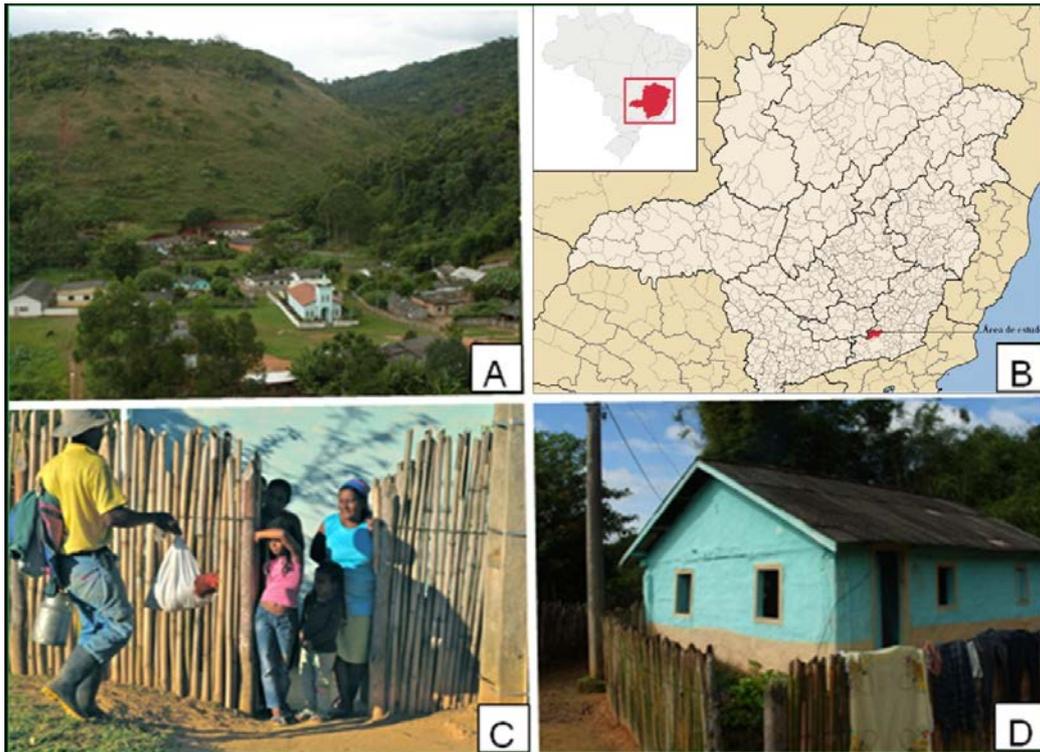


Figura 6: Comunidade São Sebastião da Boa Vista. A: Vista sobre a comunidade; B: Localização geográfica; C: Moradores em seus cotidianos; D: Casa ao estilo comum na comunidade. Fonte: Acervo Departamento de Botânica/ UFJF.

5.2 APROXIMAÇÃO À COMUNIDADE

Etnografia é a disciplina do campo da Antropologia que se dedica ao inter-relacionamento entre pesquisador e um dado grupo social (ALVES et al., 2011). Essa área visa estudar o modo de vida de um determinado grupo em seu ambiente (GODOY, 1995). Deste modo, o método etnográfico tornou-se essencial através da aplicação da técnica observação participante (ALBUQUERQUE e LUCENA, 2004), o qual reforçou a afinidade entre o pesquisador e a comunidade em questão.

O evento Kizomba Namata proporcionou uma aproximação mais efetiva após a realização do evento. Durante o encontro, houve a formação de grupos focais em que seriam discutidos temas diversos como: territorialidade, biomapa, formação de associação quilombola, plantas medicinais. O grupo denominado plantas medicinais foi o mais expressivo com relação ao número de pessoas, demonstrando a empatia das comunidades pelo tema e pela pesquisa etnofarmacológica.

5.3 GRUPO FOCAL

Grupo focal é uma técnica de coleta de dados que promove uma interação entre os participantes, além de envolver uma ampla problematização acerca de um tema específico (RESSEL et al., 2008). Para Caplan (1990), os grupos focais são: “pequenos grupos de pessoas reunidos para avaliar conceitos ou identificar problemas”. Essa metodologia permitiu discutir entre os moradores os resultados obtidos das plantas mais citadas, além de confirmar dados das plantas elencadas para compor a cartilha.

5.4 CARACTERÍSTICAS GERAIS DOS ENTREVISTADOS

Foram entrevistados 26 moradores nesse estudo, dos quais destaca-se uma benzedeira, que é tida como a mulher que cura através de rezas as doenças do corpo, além de grande conhecedora de plantas medicinais, e uma “bruxa”, considerada assim pelos demais entrevistados, retratada como uma mulher que exerce atividades tanto para ajudar quanto prejudicar as pessoas.

Em relação à origem dos entrevistados, 16 (61,53%) nasceram na comunidade e 10 (38,46%) chegaram depois de se casarem com membros do quilombo, sendo suas origens de comunidades quilombolas circunvizinhas.

No Gráfico 1 é apresentada ocupação dos entrevistados. Esses dados refletem o universo geral da comunidade, em que a maioria das mulheres realmente é do lar, os homens que trabalham são lavradores, e os mais idosos são aposentados. O único marceneiro na comunidade é o líder, o Sr. Joaquim.

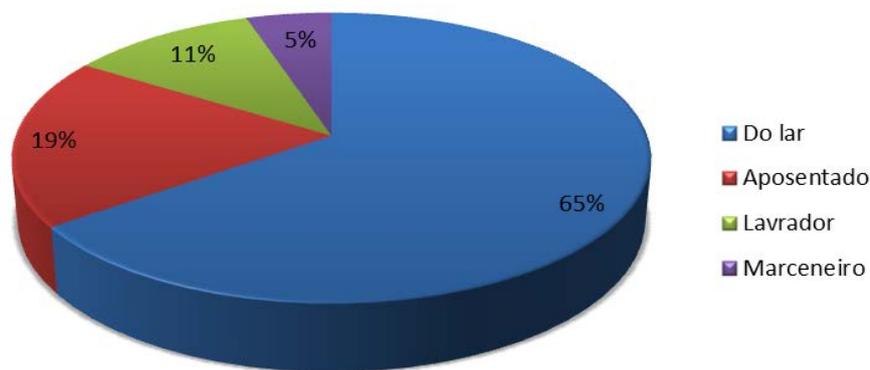


Gráfico 1: Ocupação dos entrevistados da comunidade São Sebastião da Boa Vista, MG.

Quanto à escolaridade, 27% são analfabetos e 73% possuem o Ensino Fundamental. Resultados como esse podem ser comparados ao trabalho de Sales *et al.* (2009), Pinto *et al.* (2006) e Raullyan (2002) cujos estudos, também realizados em comunidades quilombolas, revelaram alfabetização majoritária entre os entrevistados.

5.4.1 GÊNERO E FAIXA ETÁRIA DOS ENTREVISTADOS

Dentre os entrevistados, 88% são mulheres. Essa predominância pode ser justificada pelo fato das mulheres ao longo da história terem ficado com a responsabilidade dos filhos doentes, sendo o contato com as plantas medicinais mais voltado ao gênero feminino desde os tempos remotos (VIU *et al.*, 2010; RODRIGUES E CARVALHO, 2001).

Ao analisar o universo amostral dos entrevistados, foi constatada uma larga faixa etária (Tabela 1), indo de 27 a 78 anos, sendo a idade média geral dos entrevistados 52 anos. Como citado na metodologia, cada entrevistado foi selecionado pelos membros da família e autointitulado como maior entendedor de plantas medicinais na casa.

Tabela 1: Idade e sexo dos entrevistados da comunidade São Sebastião da Boa Vista, MG.

<i>Faixa etária</i>	<i>Masculino</i>	<i>Feminino</i>	<i>Total</i>	<i>Frequência relativa %</i>
27 – 35	-	3	3	12
36 – 45	-	2	2	8
46 – 55	1	8	9	35
56 – 65	1	4	5	19
66 – 75	3	3	6	23
76 – 78	1	-	1	3
Total	6	20	26	100

Verificou-se que as mulheres detêm maior conhecimento na faixa etária de 46 a 55 anos (Tabela 1). Os estudos de Schardong e Cervi (2000), Mendonça-Filho e Menezes (2003), Lima (2000), Meyer *et al.* (2012) e Massarotto (2009) confirmam a detenção do conhecimento na meia idade sobre as plantas medicinais em comunidades tradicionais.

Além disso, verificou-se também que não houve jovem foi indicado como maior detentor do conhecimento sobre plantas medicinais nas 26 casas da comunidade.

5.5 UTILIZAÇÃO DE PLANTAS MEDICINAIS PELOS ENTREVISTADOS NA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA

Em relação à utilização de recursos terapêuticos para a cura de alguma enfermidade, 100% dos entrevistados declararam fazer uso de plantas medicinais, assim como no estudo de Zeni e Bosio (2006) em uma comunidade rural da Mata Atlântica.

Com relação à pergunta com quem aprenderam a utilizar as plantas medicinais, os entrevistados citaram em primeiro lugar a mãe, em seguida o pai, avô, avó, tia, sogra e sozinho.

5.6 EPIDEMIOLOGIA DA COMUNIDADE SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA

Todos os entrevistados declararam ir ao sistema formal de saúde quando existem casos de doença apesar disso, 8% informaram não confiar nesse tipo de sistema. Dos entrevistados 15% fazem tratamento apenas com remédios naturais, alegando considerar uma alternativa eficaz e barata (Gráfico 2). Esses dados demonstram o acesso dos quilombolas ao sistema de saúde, porém ainda a existência da preferência de alguns pelos remédios naturais.

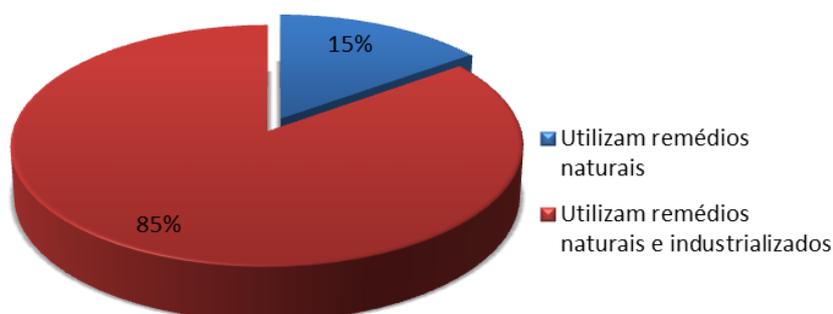


Gráfico 2: Utilização apenas de remédios naturais e remédios industrializados e naturais pelos entrevistados.

De acordo com a opinião dos entrevistados, as doenças mais comuns observadas na comunidade estão na Tabela 2. As doenças foram categorizadas de acordo com CID-10 - Classificação estatística internacional de doenças e problemas relacionados à saúde (OMS, 2000).

Tabela 2: Doenças mais recorrentes na comunidade citadas pelos entrevistados categorizadas pela CID10

<i>Categorias</i>	<i>% de citações (n=26)</i>	<i>Doença mais citada dentro da categoria</i>	<i>% de citações da doença mais citada</i>
Doenças do aparelho circulatório	52	“Pressão alta”	80
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas	31	“Diabetes”	100
Doenças do aparelho respiratório	14	“Gripe”	75
Doenças osteomusculares	3	“Dor de coluna”	100

De acordo com o relato das plantas medicinais utilizadas pelos entrevistados, categorizou-se as doenças com base na CID -10. As doenças estão descritas de forma literal, e em seguida estão descritas as plantas mais citadas para cada doença (Tabela 3):

Tabela 3: Doenças classificadas de acordo com CID-10 seguidas de frequência de citações, espécie principal utilizada para o tratamento da doença, família, nome popular, e a doença principal por categoria.

Categorias e frequência	Espécie/Família/Nome vernacular	Uso principal
Doenças do aparelho digestivo (19%)	<i>Leonurus sibiricus</i> L./Lamiaceae/"Mané Turé"	Dor de barriga
Doenças do aparelho respiratório (15%)	<i>Casearia sylvestris</i> Trusted/Flacourtiaceae/"Erva largato"	Gripe
Doenças do aparelho circulatório (14%)	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P.Wilson/Verbenaceae/Erva cidreira	Pressão alta
Doenças do sistema nervoso (7%)	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill./Apiaceae/"Funcho"	Calmante
Outros (6%)	<i>Plantago major</i> L./Plantaginaceae/"Transagem"	Infecção da garganta
Algumas doenças infecciosas e parasitárias (5%)	<i>Rosa alba</i> L./Rosaceae/"Rosa branca"	Inflamação do útero
Doenças endócrinas, nutricionais e metabólicas (5%)	<i>Baccharis trimera</i> (Less.)DC/Asteraceae/"Carqueja"	Emagrecedor
Síndromes ligadas à cultura* (4%)	<i>Dalbergia hortensis</i> Heringer, Rizzini & A. Mattos/Fabaceae/"Endireita mundo"	Descarregar o corpo
Doenças do aparelho geniturinário (3%)	<i>Phyllanthus tenellus</i> Rox.b/Phyllanthaceae/"Quebra pedra"	Pedra nos rins
Doenças do olho e anexos (3%)	<i>Ruta graveolens</i> L./Rutaceae/"Arruda"	Olhos
Doenças do sangue e dos órgãos hematopoiéticos e alguns transtornos imunitários (2%)	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham & Schtdl) Micheli/Alimastaceae/"Chapéu de couro"	Depurativo
Lesões, envenenamentos e algumas outras consequências de causas externas (2%)	<i>Leonurus sibiricus</i> L./Lamiaceae/"Mané Turé"	Ferida na pele
Doenças do tecido osteomuscular e do tecido conjuntivo (2%)	<i>Solidago chilensis</i> Meyen/Asteraceae/"Arnica"	Artrose
Doenças da pele e do tecido subcutâneo (2%)	<i>Physalis pubescens</i> L./Solanaceae/"Juá bravo"	Inflamação da pele
Doenças do ouvido e da apófise mastoide (1%)	<i>Gossypium hirsutum</i> L./Curcubitaceae/"Algodão"	Dor de ouvido
Algumas afecções originadas no período perinatal (0,8%)	<i>Bidens pilosa</i> L./Asteraceae/"Picão"	Icterícia
Gravidez, parto e puerpério (0,2%)	<i>Ruta graveolens</i> L./Rutaceae/"Arruda"	Resguardo

* = Podendo corresponder ao item "Cognição, percepção, estado emocional e comportamento" (R40-R46) da CID 10.

A breve análise epidemiológica apontou as doenças hipertensão, diabetes, gripe e dores na coluna como as que mais acometem a comunidade, segundo a opinião dos entrevistados (Tabela 2), entretanto a Tabela 3 aponta a lista de doenças obtida a partir

das finalidades de uso das plantas relatadas e observa-se que a principal doença tratada é a “dor de barriga”. O sintoma “dor de barriga” pode estar relacionado com a ausência de políticas públicas voltadas para o saneamento básico, pois apesar da comunidade possuir água encanada, não há nenhuma infra-estrutura para o tratamento da água que forneça um uso seguro para os moradores, considerando ainda que a análise da água realizada em 2013 obteve resultados insatisfatórios para o consumo humano. Alguma similaridade pode ser observada, entre a opinião dos entrevistados das doenças que mais acometem a comunidade e as plantas medicinais utilizadas, já que na Tabela 3 destaca-se também pressão alta e gripe dentre as finalidades das plantas mais citadas. Diabetes está como a segunda doença mais citada pelos entrevistados, porém, aparece apenas como 5% das plantas utilizadas para esse tratamento. Esse fato pode indicar que a comunidade esteja utilizando medicamentos industrializados para o tratamento de diabetes.

Segundo Amorozo (2002) observa-se maior indicação de espécies medicinais para as doenças do aparelho digestivo e aparelho respiratório tanto no Brasil, na América Latina e, segundo Betti, (2004), entre grupos africanos.

Resultados semelhantes à epidemiologia da comunidade, com altas incidências de doenças do aparelho digestivo e doenças do aparelho respiratório foram encontrados por Di Stasi *et al.* (2002), Pinto *et al.* (2006), Monteles e Pinheiro (2007) e Meyer *et al.* (2012) e em estudos realizados em comunidades rurais da Mata Atlântica.

5.7 RESULTADOS DA COLETA DE DADOS ETNOFAMACOLÓGICOS/ DADOS BOTÂNICOS

O estudo etnofarmacológico possibilitou o levantamento total de 366 receitas de usos compreendidas em 53 fins terapêuticos, além da identificação botânica de 106 espécies medicinais, sendo 101 em nível de espécie e seis em nível de gênero. Dessas 106 espécies, 38% são nativas do Brasil e a maioria das exóticas proveniente da Ásia e Europa, totalizando 49 famílias botânicas (Tabela 4).

As famílias botânicas de predominância foram: Asteraceae (13 espécies), Lamiaceae (12 espécies), Rutaceae (7 espécies), Solanaceae (6 espécies), Poaceae (5 espécies), Fabaceae (5 espécies), Myrtaceae (4 espécies); e as demais apresentaram apenas três, duas ou uma espécie.

Lamiaceae e Asteraceae são mais representativas, o que corresponde a outros estudos realizados no Brasil, como Brito e Brito (1993), Maioli-Azevedo e Fonseca-Kruel (2007).

Tabela 4: Plantas medicinais utilizadas na comunidade quilombola São Sebastião da Boa Vista obtidas pelas entrevistas etnofarmacológicas.

FAMÍLIA	ESPÉCIE/ORIGEM	NOME VERNACULAR	% citação	HÁBITO	Nº DE TOMBO
Asteraceae	<i>Baccharis trimera</i> (Less.)DC (Brasil)	“Carqueja”	5,0%	H	60459
	<i>Matricaria chamomilla</i> L. (Europa)	“Camomila”	3,0%	H	60494
	<i>Artemisia absinthium</i> L. (Europa)	“Losna”	2,0%	H	60525
	<i>Vernonanthura phosphorica</i> (Vell.) H.Rob. (Brasil)	“Assapeixe”	2,0%	Ar	60484
	<i>Gnaphalium spicatum</i> moinho. (Uruguai)	“Erva da lua”	2,0%	H	60519
	<i>Ageratum conyzoides</i> L. (América Tropical)	“Erva de são joão”	1,0%	H	60514
	<i>Bidens pilosa</i> L. (Mata Atlântica)	“Picão”	0,6%	H	60461
	<i>Achillea millefolium</i> L. (Europa, Ásia, EUA)	“Novalgina”	0,6%	H	
	<i>Solidago chilensis</i> Meyen (Mata Atlântica)	“Arnica”	0,6%	H	62459
	<i>Cynara cardunculus</i> L. (Mediterrâneo)	“Cardo Santo”	0,3%	H	
	<i>Taraxacum officinale</i> Weber ex F.H Wigg(Europa e Ásia)	“Dente de Leão”	0,3%	H	
	<i>Coreopsis grandiflora</i> Hogg ex Sweet (Europa)	“Camomila”	0,3%	H	
	<i>Lessingianthus macrophyllus</i> (Less.) H.Rob. (Brasil)	“Santana”	0,3%	H	
Lamiaceae	<i>Leonurus sibiricus</i> L.(China)	“Mané Turé”	4,0%	H	60518
	<i>Mentha crispa</i> L. (Europa)	“Hortelã”	4,0%	H	60521
	<i>Plectranthus barbatus</i> Andrews (África do Sul)	“Boldo”	2,0%	H	60470
	<i>Melissa officinalis</i> L. (Europa e Ásia)	“Erva Cidreira”	1,0%	H	60456
	<i>Mentha spicata</i> L.(Europa)	“Elevante”	1,0%	H	
	<i>Ocimum basilicum</i> L. (Oriente)	“Manjericão, manjerona”	1,0%	H	60526
	<i>Ocimum basilicum var purpurascens</i> Benth.(Oriente)	“Manjericão roxo”	1,0%	H	
	<i>Rosmarinus officinalis</i> L. (Mediterrâneo)	“Alecrim”	1,0%	H	60471
	<i>Glechoma hederacea</i> L. (Europa e Ásia)	“Erva terrestre”	0,6%	H	
	<i>Peltodon radicans</i> Pohl. (Mata Atlântica)	“Hortelã do mato”	0,3%	H	60479
	<i>Mentha x villosa</i> Huds (Europa)	“Hortelã Branco”	0,3%	H	
	<i>Mentha pulegium</i> L.(Europa, Ásia, Arábia)	“Poejo”	0,2%	H	
Rutaceae	<i>Ruta graveolens</i> L. (Europa Meridional)	“Arruda”	3,0%	H	60496

	<i>Citrus limon</i> (L.) Osbreck (Ásia)	“Limão”	2,0%	A	60490
	<i>Citrus x aurantium</i> L. (Ásia)	“Laranja”	1,2%	A	60530
	<i>Citrus reticulata</i> Blanco (Filipinas)	“Mexirica”	1,0%	A	62767
	<i>Pilocarpus microphyllus</i> Stapf ex Wardlew (Brasil)	“Jaborandi”	0,6%	Ar	
	<i>Citrus</i> sp. (Ásia)	“Lima”	0,3%	A	
Apiaceae	<i>Foeniculum vulgare</i> Mill. (Europa)	“Funcho”	4,0%	H	60522
	<i>Apium graveolens</i> L. (Europa)	“Aipo”	0,6%	H	
	<i>Petroselinum crispum</i> (Mill.) Fuss (Peru)	“Salsinha”	0,3%	H	
Verbenaceae	<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E. Br. ex Britton & P. Wilson (Mata Atlântica)	“Erva cidreira”	4,0%	H	
Fabaceae	<i>Stryphnodendron adstringens</i> (Mart.) Coville (Brasil)	“Barbatimão”	1,2%	A	60520
	<i>Bauhinia cheilantha</i> (Bonq.) Steud. (Brasil)	“Pata de Vaca”	0,6%	A	61722
	<i>Andira anthelmia</i> (Vell.) Benth. (Mata Atlântica)	“Limpeza do mundo”	0,6%	A	61713
	<i>Bowdichia nitida</i> Benth (Brasil)	“Chicopira”	0,3%	A	
	<i>Dalbergia hortensis</i> Heringer et al. (Mata Atlântica/FES)	“Endireita Mundo”	1,2%	A	
Solanaceae	<i>Solanum cernuum</i> Vell. (Mata Atlântica)	“Panaceia”	1,0%	H	62457
	<i>Solanum tuberosum</i> L. (Peru)	“Batata”	1,0%	H	60476
	<i>Physalis pubescens</i> L. (Índia)	“Juá bravo”	0,3%	H	60501
	<i>Solanum lycocarpum</i> A.St-Hil (Brasil)	“Fruto de lobo”	0,3%	Ar	60473
	<i>Solanum americanum</i> Mill. (América do Norte)	“Erva moura”	0,3%	H	60513
	<i>Solanum melongena</i> L. (Índia)	“Berinjela”	0,6%	H	
Salicaceae	<i>Casearia sylvestris</i> Sw. (Jamaica)	“Erva lagarto”	3,0%	A	60455
Poaceae	<i>Cymbopogon citratus</i> (DC) Stapf. (Ásia)	“Capim cidreira”	1,0%	H	60454
	<i>Saccharum officinarum</i> L. (Asia)	“Cana”	1,0%	Ar	60480
	<i>Melinis</i> sp. (África)	“Capim gordura”	0,3%	H	62971
	<i>Panicum maximum</i> Jacq. (Índia)	“Capim mumbeca”	0,3%	H	61726
	<i>Coix lacryma-jobi</i> L. (Ásia)	“Conta de lágrima”	0,3%	H	
Phyllanthaceae	<i>Phyllanthus tenellus</i> Rox.b (Regiões Paleotropicais)	“Quebra pedra”	2,0%	H	60531
	<i>Phyllanthus niruri</i> L. (Mata Atlântica)	“Quebra pedra”	0,6%	H	60452
Myrtaceae	<i>Eucalyptus globulus</i> Labill. (Austrália)	“Eucalipto”	0,6%	A	62728
	<i>Psidium guineense</i> Sw. (África)	“Araçá”	0,6%	Ar	62757
	<i>Psidium guajava</i> L. (Mata Atlântica)	“Goiabeira”	0,6%	A	62713
	<i>Plinia cauliflora</i> (Mart.) Kausel. (Brasil)	“Jabuticaba”	0,3%	A	
Plantaginaceae	<i>Plantago major</i> L. (Europa)	“Transagem”	2,0%	H	60509
Curcubitaceae	<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw. (Mata	“Chuchu”	1,2%	T	60453

	Atlântica)				
	<i>Apodanthera smilacifolia</i> Cogn.(Brasil)	“Cipó Azogre”	0,3%	T	62983
	<i>Cucumis sativus</i> L. (Índias Orientais)	“Pepino”	0,3%	T	
Malvaceae	<i>Gossypium hirsutum</i> L. (América Central e América do Norte)	“Algodão”	1,2%	Ar	62457
	<i>Triumfetta rhomboidea</i> Jacq. (Brasil)	“Carrapicho”	0,3%	H	60481
	<i>Sida</i> sp. (Mata Atlântica)	“Vassoura gosmenta”	0,3%	H	62475
Amaranthaceae	<i>Alternanthera brasiliana</i> (L) Kuntze (Brasil)	“Amoxilina”	0,6%	H	60495
	<i>Chenopodium ambrosioides</i> L. (Mata Atlântica/FES)	“Santa Maria”	0,6%	H	60489
Lauraceae	<i>Persea americana</i> Mill. (América Central)	“Abacate”	1,2%	A	61716
Pteridaceae	<i>Adiantum capillus-veneris</i> L. (Madagascar)	“Avenca”	1,2%	H	60478
Sapindaceae	<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum. (Mata Atlântica)	“Cinco folhas”	1,2%	A	
Violaceae	<i>Anchietea pyrifolia</i> (Mart.) G.Don (Brasil)	“Suma roxa”	1,0%	A	60527
Alimastaceae	<i>Echinodorus grandiflorus</i> (Cham. & Schldtl.) Micheli (Mata Atlântica)	Chapéu de couro	1,0%	H	61724
Aristolochiaceae	<i>Aristolochia cymbifera</i> Mart. (Brasil)	“Cipó milihomi”	1,0%	T	
Bixaceae	<i>Bixa orellana</i> L. (Mata Atlântica/FES)	“Urucum”	1,0%	Ar	62727
Euphorbiaceae	<i>Ricinus communis</i> L. (Índia, África)	“Mamona”	1,0%	Ar	61723
Phytolaccaceae	<i>Petiveria alliacea</i> L. (Brasil)	“Guiné”	1,0%	H	62970
Rosaceae	<i>Rosa alba</i> L. (Mediterrâneo)	“Rosa branca”	1,0%	Ar	
Araceae	<i>Dieffenbachia seguine</i> (Jacq) Schott (Região Neotropical)	“Comigo ninguém pode”	0,3%	H	62967
	<i>Colocasia esculenta</i> (L.) Schott (Ásia Tropical)	“Inhame”	0,3%	H	62966
	<i>Philodendron myrmecophilum</i> Engl. (Brasil)	“Tracuá”	0,3%	H	
Bignoniaceae	<i>Tynanthus elegans</i> Miers. (Mata Atlântica/FES)	“Cipó cravo”	0,6%	T	
	<i>Pyrostegia venusta</i> (Ker-Gawler) Miers. (Brasil)	“Cipó são João”	0,3%	T	
Convolvulaceae	<i>Ipomoea batatas</i> (L.) Lam. (América)	“Batata doce”	0,3%	H	62742
	<i>Cuscuta racemosa</i> Mart. (Mata Atlântica)	“Cipó chumbo”	0,3%	T	
Rubiaceae	<i>Coffea arabica</i> L. (Arábia)	“Café”	0,6%	Ar	61714
	<i>Richardia brasiliensis</i> Gomes (Mata Atlântica)	“Puaia”	0,6%	H	62460
Dilleniaceae	<i>Davilla rugosa</i> Poir. (Mata Atlântica/FES)	“Cipó caboclo”	0,6%	T	67190
Vitaceae	<i>Cissus verticillata</i> (L.) Nicolson & C.E.Jarvis (Brasil)	“Insulina”	0,6%	H	
Xanthorrhoeaceae	<i>Aloe vera</i> (L.) Burm. f. (Mediterrâneo)	“Babosa”	0,6%	H	62458
Musaceae	<i>Musa paradisiaca</i> L. (Índia)	“Banana”	0,6%	H	62718
Menispermaceae	<i>Abuta grandifolia</i> (América Central e do Sul) (Mart.) Sandwith	“Abuta rainha”	0,6%	T	60465

Scrophulariaceae	<i>Buddleja stachyoides</i> Cham. & Schlttdl. (Mata Atlântica/FES)	“Vassourinha”	0,3%	H	60491
	<i>Buddleja brasiliensis</i> J. Jacq. (Brasil)	“Barbaço”	0,3%	A	
Loranthaceae	<i>Struthanthus marginatus</i> (Desr.) G.Don (Mata Atlântica)	“Erva de passarinho”	0,3%	T	61720
Geraniaceae	<i>Pelargonium x hortorum</i> L.H.Bailey (África do Sul)	“Malva cheirosa”	0,3%	H	60508
Crassulaceae	<i>Dendroideum sedum</i> DC. (México)	“Baspo”	0,3%	H	
Caricaceae	<i>Carica papaya</i> L. (América Central e Caribe)	“Mamão”	0,3%	Ar	60533
Piperaceae	<i>Piper</i> sp.(Mata Atlântica)	“Capeva”	0,3%	H	60460
Anacardiaceae	<i>Anacardium occidentale</i> L.(Brasil)	“Caju”	0,3%	A	
Simaroubaceae	<i>Quassia amara</i> L. (Suriname)	“Quina”	0,3%	Ar	61715
Tropaealaceae	<i>Tropaeolum majus</i> L. (Peru)	“Chaga de Cristo”	0,3%	H	60466
Winteraceae	<i>Drimys</i> sp.(Brasil)	“Casca Danta”	0,3%	A	
Asparagaceae	<i>Sansevieria trifasciata</i> Prain (Nigéria)	“Espada de São Jorge”	0,3%	H	61712
Commelinaceae	<i>Commelina africana</i> L.(África)	“Santa luzia”	0,3%	H	
Amaryllidaceae	<i>Allium sativum</i> L. (Europa)	“Alho”	0,3%	H	60475
Acanthaceae	<i>Justicia pectoralis</i> Jacq.(Índia)	“Anador”	0,3%	H	

H = Herbácea, A= Arbórea, Ar=Arbustiva, T= Trepadeira, FES = Floresta Estacional Semidecidual.

Os resultados mostrados na Tabela 4 demonstram a existência relevante das plantas exóticas (57%), com forte influência da cultura europeia seguida da asiática no uso de plantas medicinais. Situação semelhante é registrada por Pinto *et al.* (2006), em que mais da metade das plantas citadas em uma comunidade da Mata Atlântica são exóticas. Esse fato pode ser explicado pela influência histórica no Brasil com o contato da cultura europeia, africana e asiática no tratamento de doenças (ALMEIDA, 2000).

As espécies exóticas causam vulnerabilidade ao meio, pois podem desequilibrar os ecossistemas, habitats ou espécies (BRASIL, 2002). Ainda que essas espécies exóticas possam invadir o meio de maneira natural, o potencial de transformar a estrutura e a composição dos ecossistemas pode implicar para a área estudada a destruição de características peculiares que a biodiversidade local proporciona. Há diversos trabalhos em que já se observou a influência de plantas exóticas sobre a medicina popular brasileira, especialmente a influência de plantas europeias, tais como: Conde (2012); Begossi *et al.* (2002); Rezende e Cocco (2002); Guarim Neto e Moraes (2003); Souza e Felfili (2006); Pinto *et al.* (2006) e Brasileiro *et al.* (2008).

Pode-se constatar que das 47 espécies nativas do Brasil, de acordo com Stehmann *et al.* (2009), 22 são originárias da Mata Atlântica, e apenas oito são

pertencentes à Floresta Estacional Semidecidual (FES), tipo de floresta predominante na comunidade.

Dessas plantas nativas da Mata Atlântica nenhuma se encontra na lista de espécies ameaçadas da Lista Vermelha da IUCN e Livro Vermelho da Flora do Brasil.

Das 106 plantas levantadas, 62% são herbáceas (Gráfico 3).

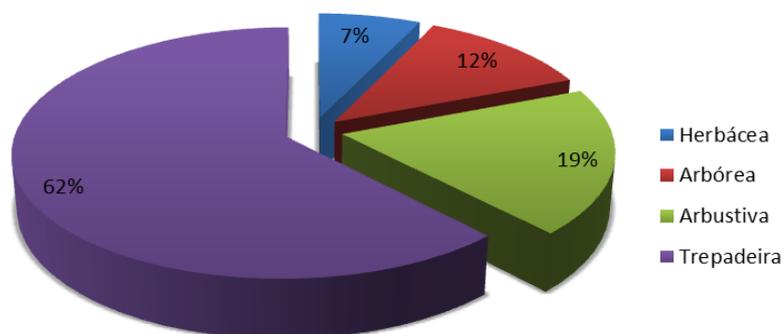


Gráfico 3: Hábito de crescimento das plantas citadas pelos entrevistados

Devido ao fato da comunidade possuir uma área pequena para o plantio de espécies arbóreas, destaca-se a importância de se cultivar as espécies herbáceas em quintais. A Figura 2 demonstra o acúmulo das casas muito próximas diminuindo o espaço para o plantio. Um estudo realizado por Coelho-Ferreira (2000) em uma comunidade tradicional do Pará, destaca-se também a predominância do uso de espécies herbáceas utilizadas como medicinais. Como pode observar na tabela 3, as famílias mais representativas, Asteracea e Lamiacea, são majoritariamente representadas por espécies herbáceas. Essa preferência pelo hábito herbáceo pode ser devido ao fato da disponibilidade e pelo fácil acesso na obtenção de herbáceas para o preparo de remédios caseiros, a maioria encontra-se nos próprios quintais e hortas.

Das 106 espécies indicadas pela comunidade, 64% são obtidas exclusivamente de quintais, 12% floresta, 6% do pasto e 18% são obtidas tanto do quintal, do pasto como da floresta. 76% das mulheres entrevistadas coletam exclusivamente do quintal as plantas medicinais, e 24% obtém a planta do quintal e floresta. Do total de seis homens entrevistados, cinco alegaram coletar a planta do quintal e floresta, e apenas um relatou exclusividade por quintal. Esses dados são bastante similares aos encontrados por Raullyan (2002) em seu estudo etnobotânico da comunidade quilombola Curiaú, revelando uma possível especialidade do gênero feminino sobre as plantas medicinais de quintais e hortas caseiras, o que contrasta à dos homens, que tem mais conhecimento das plantas de matas e florestas. Neste estudo, apesar do conhecimento em relação às

plantas originadas da floresta estarem com predominância entre gênero masculino, os quintais ainda aparecem com maior prevalência de conhecimento em ambos os sexos. Apesar de existir essa diferenciação com relação ao habitat das plantas medicinais, Lucena (2005) alega que as florestas não costumam ser os locais mais importantes com relação ao conhecimento de comunidade tradicionais, afirmando que populações locais costumam focalizar o seu conhecimento em áreas manejadas ou de vegetação secundária.

Para o preparo dos remédios são citados diversos órgãos vegetais, destacando-se em primeiro lugar as folhas (70%) (Gráfico 4).

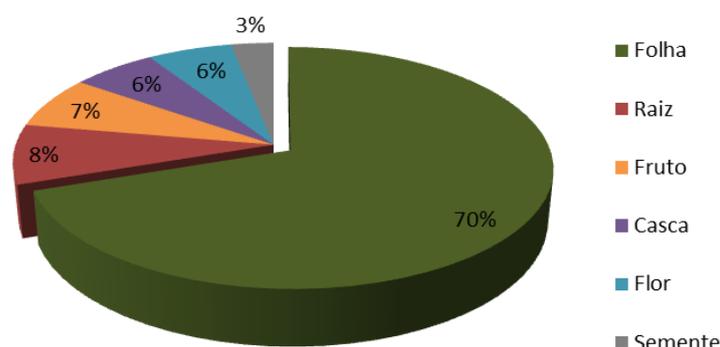


Gráfico 4: Parte das plantas utilizadas pelos entrevistados

Estes dados são semelhantes aos encontrados por Amorozo e Gély (1988) em duas comunidades caboclas do Pará (PA), nos quais os principais órgãos das plantas utilizadas foram folhas (49%), raízes (15%) e casca de caule (13%). Em Curiaú, Macapá, Raullyan (2002) também relatou serem as folhas (37%) o órgão mais utilizado pela comunidade no preparo dos remédios, assim como Vendruscolo (2004), cujas folhas apresentam com 40% de utilização. Nesse sentido, pode-se generalizar que as folhas são o órgão mais utilizado na preparação de medicamentos caseiros por comunidades tradicionais. Santos et al. (2003) afirma a importância de se registrar quais são as partes utilizadas de espécies medicinais, tendo em vista que cada órgão da planta pode ter uma substância química em particular. Além disso, esse registro contribui para uma análise do uso dos recursos naturais, apontando alternativas para um uso sustentável e que contribua na conservação desses recursos (ALBUQUERQUE et al. 2010). Segundo Martin (1995) e Pilla et al. (2006) o uso de folhas de espécies medicinais proporciona um caráter conservacionista dos recursos vegetais, como é no caso da comunidade estudada, pois a retirada dessa estrutura, quando não de forma exagerada, não impede que a planta se reproduza e nem se desenvolva.

No presente estudo algumas plantas apresentaram utilização de mais de um órgão como medicinal. Por exemplo, as espécies cujas raízes são utilizadas, além de outros órgãos possíveis, para o preparo de remédios caseiros foram: *Buddleja stachyoides*, *Baccharis trimera*, *Ageratum conyzoides*, *Peltodon radicans*, *Plantago major*, *Gnaphalium spicatum*, *Allium sativum*, *Triumfetta rhomboideae*, *Bidens pilosa*, *Phyllanthus tenellus*, *Foeniculum vulgare*, *Abuta grandifolia*. Com exceção de *Abuta grandifolia* que é uma espécie com o hábito trepadeira, as demais são herbáceas e nenhuma das espécies se encontra em extinção. As espécies cujos remédios caseiros utilizam-se sementes, dentre outros possíveis, foram: *Phyllanthus tenellus*, *Plantago major*, *Foeniculum vulgare*, *Bixa orellana*, *Bidens pilosa*, todas também não se encontram ameaçadas de extinção. Apesar dessas espécies não se encontrarem ameaçadas e apresentarem pouca porcentagem de utilização (8% raiz e 3% semente), o uso de raízes e sementes deve ser utilizado de forma razoável para que não prejudique a existência do recurso na comunidade, principalmente das nativas: *Buddleja stachyoides*, *Baccharis trimera*, *Peltodon radicans*, *Triumfetta rhomboideae*, *Bidens pilosa* e *Bixa orellana*.

5.8 IMPORTÂNCIA DAS ESPÉCIES ESTUDADAS

Através do cálculo do Valor de Uso pode-se obter quais espécies são mais importantes para a comunidade, com base nos “usos” da espécie pelos entrevistados. Avalia-se, portanto, a importância de uma determinada espécie quanto mais usos forem mencionados para ela pela comunidade (VENDRUSCOLO e MENTZ, 2006b). Dessa forma, quanto maior o número de usos mencionados para a espécie maior será a importância daquela planta para a comunidade estudada e, pode-se, junto com isso, aumentar a pressão de uso sobre esse recurso terapêutico, sendo um alerta para a conservação da espécie (ALBUQUERQUE et al. 2006).

A maioria das espécies mencionadas pelos entrevistados teve um baixo Valor de Uso. Neste estudo esse fato deve-se principalmente ao pouco número de entrevistados citarem as demais espécies, e pelos poucos usos atribuídos a elas. Resultado similar com relação ao motivo do baixo Valor de Uso foi observado em um estudo de uma comunidade Quilombola no estado do Espírito Santo (CREPALDI e PEIXOTO, 2010). Segundo a visão de Wong (2000), o índice de Valor de Uso demonstra mais sobre a distribuição e variabilidade de conhecimento entre as pessoas

do que sobre a utilidade da espécie por si. Isso sugere que o conhecimento sobre as plantas medicinais pode estar sendo restrito e pouco difundido entre os entrevistados da comunidade, fato que contrasta com o conhecido saber dos quilombolas sobre o universo dos vegetais (GUARIM NETO et al., 2010).

As espécies elencadas como mais versáteis quanto ao uso medicinal para a comunidade São Sebastião da Boa Vista foram:

Tabela 5: 21 espécies com VU acima de 0,19

Espécie	Valor de Uso
<i>Lippia alba</i> (Mill.) N.E.Br	0,61
<i>Baccharis trimera</i> (Less.) DC	0,57
<i>Leonurus sibiricus</i> L.	0,57
<i>Mentha crispa</i> L.	0,53
<i>Foeniculum vulgare</i> Mill.	0,42
<i>Gnaphalium spicatus</i> Lam.	0,42
<i>Ruta graveolens</i> L.	0,42
<i>Plantago major</i> L.	0,38
<i>Rosa alba</i> L.	0,38
<i>Casearia sylvestris</i> Trusted	0,34
<i>Vernonia polyanthes</i> Less	0,34
<i>Gossypium hirsutum</i> L.	0,30
<i>Chamomila recutita</i> (L.) Rauschert	0,26
<i>Artemisia absinthium</i> L.	0,26
<i>Ocimum basilicum</i> L.	0,26
<i>Bidens pilosa</i> L.	0,23
<i>Plecthanthus barbatus</i> Andrews	0,23
<i>Citrus lemon</i> (L.) Burm.f	0,19
<i>Sechium edule</i> (Jacq.) Sw.	0,19
<i>Anchieta Salutaris</i> St. Hill.	0,19
<i>Sparattosperma leucanthum</i> (Vell.) K. Schum.	0,19

Como 33% das 21 plantas com maior VU para a comunidade são originadas da mata atlântica, a conservação e o cultivo dessas espécies nativas na área de estudo devem ser estimulados devido a maior pressão de uso sofrida por essas espécies. Como o ambiente para cultivo é restrito com aglomerado das casas relativamente em pequeno espaço, as plantas herbáceas *Baccharis trimera*, *Leonurus sibiricus*, *Bidens pilosa*, *Sechium edule* devem ter o cultivo incentivado nos quintais. Segundo Ming, (1994) o cultivo destas plantas mais versáteis na comunidade devem ser estimulado nos quintais caseiros, o que impede a retirada do vegetal em seu meio natural. Enquanto que as espécies arbóreas: *Casearia sylvestris*, *Anchieta salutaris* e *Sparattosperma leucanthum* devem ter o seu cultivo incentivado na floresta remanescente da comunidade (Figura 2).

De acordo Vendruscolo e Mentz (2006b), foram elencadas 13 plantas principais com o CUPc acima de 24%. As espécies com CUPc > 24 estão indicadas na Tabela 6.

Tabela 6: Espécies com valores percentuais de Concordância Corrigida quanto aos Usos Principais (CUPc) maiores que 24%, em ordem decrescente. Os usos referidos na tabela são os usos considerados principais. A parte da planta referida corresponde à utilizada conforme o uso principal.

Nome científico	Uso principal	Parte utilizada	CUPc %
<i>Leonurus sibiricus</i>	“dor de barriga”	Folha e flor	62%
<i>Foeniculum vulgare</i>	“calmante”	Folha, raiz, caule, fruto, semente	60%
<i>Plantago major</i>	“garganta inflamada”	Folha, raiz, caule, fruto, semente	43%
<i>Gnaphalium spicatum</i>	“dor de barriga”	Folha, flor e raiz	38%
<i>Chamomila recutita</i>	“calmante”	Folha e flor	37%
<i>Casearia sylvestris</i>	“gripe”	Folha	36%
<i>Sechium edule</i>	“pressão alta”	flor e folha	33%
<i>Baccharis trimera</i>	“diabetes”	Folha e raiz	32%
<i>Atermisia absinthium</i>	“dor de barriga”	Folha	28%
<i>Plecthanthus barbatus</i>	“fígado, estômago”	Folha	27%
<i>Mentha crispa</i>	“dor de barriga”	Folha	26%
<i>Phyllanthus niruri</i>	“pedra nos rins”	Folha, raiz, caule, fruto, semente	25%
<i>Phyllanthus tenellus</i>	“pedra nos rins”	Folha, raiz, caule, fruto, semente	25%

O CUP (AMOROZO E GÉLY, 1988) revela a importância relativa das plantas utilizadas em relação à concordância dos usos citados e em relação à quantidade de entrevistados que as citaram, desse modo, quanto maior o CUPc, maior a concordância de citação do uso principal para uma dada espécie, ou seja, maior é o número de entrevistados que citou o uso principal. Esse índice pode indicar espécies promissoras para estudos farmacológicos de acordo com o uso citado pela comunidade (VENDRUSCOLO e MENTZ, 2006a).

Lippia alba foi uma espécie muito citada, com 4% de citações, (Tabela 4) e foram relatados 16 usos para a mesma, acarretando o maior VU (0,61). Porém a concordância quanto ao uso principal (CUPc) entre os entrevistados foi relativamente baixa, não sendo elencada na tabela 6. Neste trabalho, *Leonorus sibiricus* (62%), *Foeniculum vulgare* (60%) e *Plantago major* (43%) foram as espécies que apresentaram maior valores de CUPc, e os seus usos foram “dor de barriga”, “calmante” e “inflamação de garganta” respectivamente. As plantas apresentadas na tabela 6 tem possibilidade de confirmação científica conforme apresentado na Tabela 7, porém, como afirma Vendruscolo e Mentz (2006a), estas plantas apresentam-se promissoras para novos estudos, principalmente em se tratando de um termo tão genérico quanto “dor de barriga”.

As famílias botânicas encontradas no presente estudo etnofarmacológico e que possuem maior versatilidade de usos medicinais, elencadas a partir do VU das respectivas espécies, apresentam as maiores porcentagens de Valor de Uso das Famílias (VUF) são: Verbenaceae (0,61), Plantaginaceae (0,38), Rosaceae (0,38), Flacourtiaceae (0,38), Sapindaceae (0,19), Asteraceae (0,19), Apiaceae (0,18) e Lamiaceae (0,17).

Para Verbenaceae, que obteve o maior VUF somente foi citada *Lippia alba* (erva cidreira). Porém, esta espécie possui o maior índice de Valor de Uso entre todas as espécies, sendo, portanto, Verbenaceae a família considerada mais versátil com relação ao número de usos para a comunidade. Este fato também ocorre com Rosaceae, Plantaginaceae, Flacourtiaceae e Sapindaceae, famílias em que foram mencionadas somente *Rosa alba*, *Plantago major*, *Casearia sylvestris* e *Sparattosperma leucanthum* respectivamente. Porém, quando analisamos a família Asteraceae, que apresentou maior frequência de citações (Tabela 4), veio a ser classificada como sexta família em termos de versatilidade de uso terapêutico. As várias formas de analisar os dados levantados são importantes para o objetivo proposto neste estudo para encontrar novos meios de conservação da biodiversidade para a Comunidade Quilombola de São Sebastião da Boa Vista.

5.9 RECURSOS NATURAIS NÃO-VEGETAIS

Além de plantas, a comunidade também faz uso de recursos naturais não vegetais. Apenas 19% dos entrevistados alegaram fazer uso dessa categoria. Segundo Rodrigues et al. (2012), são raros os trabalhos etnofarmacológicos que relatam o uso de animais como recurso terapêutico.

Os recursos mencionados, com seus respectivos nomes científicos, usos e citações foram: “chifre de boi” (*Bos taurus* L.) para verme e dor de barriga (3 citações); “casco de tatu” (*Euphractus sexcinctus* L.) para sinusite (1 citação); “espinha de peixe” (*Astianax* spp.) para a memória (1 citação) e “barro” para anemia (1 citação).

5.10 CONFIRMAÇÕES FARMACOLÓGICAS

Quanto ao confronto entre literatura científica e conhecimento popular sobre o uso principal de plantas medicinais, foram elencadas as 22 espécies mais importantes da comunidade, seguindo a frequência de três ou mais citações. Essa confirmação

farmacológica tem o objetivo de reunir dados químicos e biológicos que confirmem o uso principal das espécies elencadas (Tabela 7).

Das 22 espécies selecionadas, 21 foram encontradas confirmação científica quanto ao uso principal. A forma de preparo mais utilizada é o extrato aquoso, tanto infusão quanto decocção. A abordagem aos entrevistados apresentou a dificuldade da avaliação das concentrações e posologia, sendo comum a utilização dos termos “punhado de folhas” e “tomar até sarar”. Nos estudos científicos muitas vezes são utilizados extratos orgânicos, como hexânicos e metanólicos, além disso, como já comentado, o uso principal pode ser abrangente, como “dor de barriga”. Dessa forma, as confirmações científicas apresentaram essas limitações, como por exemplo, *G. hirsutum* que tem indicação para uso de extrato aquoso, mas que apresentou no estudo de Macedo (2013) ação farmacológica promissora no extrato diclorometânico. Além disso, essa planta foi relacionada à vaginose, doença multi alvo, mas que teve bioatividade avaliada frente às cepas de *Gardinerela vaginalis*.

A abordagem etnofarmacológica, segundo Elisabestky (2003), propicia uma maior probabilidade de descoberta de novos medicamentos, e o fato da maioria possuir a confirmação farmacológica, corrobora essa afirmação.

Tabela 7: Espécies elencadas a partir do número de citação para estudo de revisão em literatura científica e demais informações.

Nome científico/popular	Uso principal	Parte utilizada	Forma de preparo	Confirmação farmacológica quanto ao uso principal
<i>Lippia alba</i> /erva cidreira	“calmante”	Folha	Decocção	Apresenta atividade antinociceptiva e anti-inflamatória [1].
<i>Baccharis trimera</i> /carqueja	“diabetes”	Planta toda	Infusão e decocção	Apresenta propriedades hipoglicemiantes [2]
<i>Leonorus sibiricus</i> /Mané turé	“dor de barriga”	Folha e flor	Infusão, decocção e maceração	Apresenta atividade analgésica, anti-inflamatória [3] ; atividade antibacteriana [4] ; antimicrobiana [5]
<i>Mentha crispa</i> /hortelã	“dor de barriga”	Folha	Infusão e decocção	Espécies do mesmo gênero apresentam atividade anti-helmíntica [6]
<i>Foeniculum vulgare</i> /funcho	“calmante”	Planta toda	Infusão e decocção	Apresenta atividade calmante [7] e anti-inflamatória [8]
<i>Ruta graveolens</i> /arruda	“vista”	Folha	Infusão, decocção, in natura e garrafada	Apresenta atividade fungicida [9]; anti-inflamatória [10] e antimicrobiana [11]
<i>Plantago major</i> /transagem	“garganta inflamada”	Planta toda	Infusão e decocção	Apresenta atividade anti-inflamatória [12];[13];[14]
<i>Rosa alba</i> /rosa branca	“útero inflamado”	Folha	Infusão e decocção	Apresenta atividade antibacteriana e antifúngica [15]
<i>Casearia sylvestris</i> /erva largato	“gripe”	Folha	Infusão, decocção e xarope	Apresenta atividades anti-inflamatória e antioxidante [16]
<i>Vernonanthura phosphorica</i> /assapeixe	“gripe”	Folha	Infusão, decocção e maceração	Apresenta atividades antimicrobiana [17]
<i>Chamomila recutita</i> /Camomila	“calmante”	Folha	Infusão	Apresenta atividades sedativas e ansiolíticas [18].
<i>Adiantum cappillus -veneris</i> /Avenca	“pressão alta”	Folha	Infusão e decocção	Apresenta efeito diurético [19].
<i>Artemisia absinthium</i> /Losna	“dor de barriga”	Folha	Infusão e decocção	Apresenta eficácia no tratamento inflamação intestinal [20]
<i>Citrus aurantium</i> /Laranja	“gripe”	Folha	Infusão e decocção	Apresenta atividade antiinflamatória e antioxidante, que contribui para o tratamento dos sintomas [21]
<i>Citrus limon</i> /Limão	“gripe”	Folha	Infusão e decocção	O gênero Apresenta atividade anti-inflamatória e antioxidante, que contribui para o tratamento dos sintomas [22]
<i>Gossypium hirsutum</i> /Algodão	“útero inflamado”	Folha e flor	Infusão e decocção	Ação antimicrobiana contra cepas de <i>Gardinerela vaginalis</i> [23]
<i>Plecthrantus barbatus</i> /Boldo	“problemas estomacais”	Folha	Infusão e decocção	Efeito anti-secretor do ácido clorídrico estomacal, atividade anti-úlceras [24].
<i>Sechium edule</i> /Chuchu	“pressão alta”	Folha e fruto	Infusão e decocção	Apresenta atividade anti-hipertensiva [25],[26].
<i>Stryphnodendro polyphyllum</i> /Barbatimão	“inflamação do útero”	Casca	Infusão e decocção	<i>S. adstringens</i> apresenta atividade anti-inflamatória [27]
<i>Sparattosperma leucanthum</i> /Cinco folhas	“ferida no estomago”	Folha	Infusão e decocção	-
<i>Ageratum conyzoides</i> /São João	“dor de barriga”	Folha	Infusão e decocção	Apresenta atividade antiinflamatória e analgésica [28], [29].
<i>Saccharum officinarum</i> /Cana	“garganta inflamada”	Folha	Infusão e decocção	Apresenta atividade anti-inflamatória, que contribui para o tratamento dos sintomas [30]

Literatura consultada: 1- ERHAN et al., 2012, 2 – SOICKE e LENG-PESCHLOW,1987. 3 – ISLAM et al.,2005 4 – AHMED et al., 2006. 5 – PIN e ABDULLAH, 2011. 6- NARANJO et al., 2006. 7 KISHORE ,2012. 8 – CHOI e HWANG, 2004. 9 – OLIVA et al.,2003.10 – RAGHAV et al., 2006.11- NOGUEIRA et al., 2008. 12- HETLAND et al., 2000. 13- SAMUELSEN, 2000. 14- VELASCO-LEZAMA, 2006. 15- CARVALHO et al., 2008. 16- ALBANO et al., 2013. 17 – SILVA, 2012.18-VIOLA,1995. 19 – EL-TANTAWY. 20 – AMAT et al.,2010. 21 – HELMERSSON et al, 2009. 22 - HELMERSSON,et al. 2009, 23- MACEDO,2013. 24- SCHULTZ, et al. 2007. 25 –GORDON et al, 2000. 26-RIBEIRO et al, 1986. 27-PANIZZA, 1988. 28-MOURA,2005.29- CHAH,2006. 30- VILA, 2006.

5.11 RETORNO DA PESQUISA PARA A COMUNIDADE QUILOMBOLA SÃO SEBASTIÃO DA BOA VISTA.

A cartilha contendo as 22 plantas mais citadas (Tabela 7) será apresentada e doada para a comunidade São Sebastião da Boa Vista como forma de retorno da pesquisa. Tal método também foi utilizado como resultado da pesquisa por Fonseca-Kruel *et al.* (2006), Hanazaki *et al.* (2007) e Rios *et al.* (2001). Esse tipo de devolução pode estimular discussões e ações para melhorar as condições de vida da comunidade (ALBUQUERQUE e LUCENA, 2004).

A espécie *Sparattosperma leucanthum* não apresentou confirmação quanto ao uso principal, porém, como obteve mais de 3 citações, optou-se pela sua manutenção na cartilha mantendo o conhecimento da comunidade.

Dentre as justificativas para confecção da cartilha pode-se citar o fato de que ao questionar sobre a transmissão do conhecimento sobre plantas medicinais aos seus descendentes, 62% alegaram não transmitir devido ao desinteresse dos mais novos, sendo que nenhum jovem foi indicado como detentor do conhecimento para realização das entrevistas (Tabela 1).

6 CONCLUSÃO

Os entrevistados utilizam tanto remédios industrializados quanto as plantas medicinais. *Lippia alba* foi a espécie mais versátil e *Leonurus sibiricus* a espécie com maior concordância de uso. A família Verbenaceae apresentou maior importância quanto a versatilidade, e a Asteraceae quanto ao número de citações de espécies dentro dessa família. Foram levantadas 366 receitas, relacionadas a 107 plantas, das quais 101 foram identificadas até espécie e seis a nível de gênero. Das 107, foram confrontadas com a literatura 22 plantas, sendo 21 confirmadas farmacologicamente. O uso de plantas medicinais desta comunidade está respaldado pelo conhecimento científico, porém o estudo revelou a vulnerabilidade da biodiversidade local devido ao uso relevante de espécies exóticas.

Este trabalho reforça a importância de estreitar laços entre o conhecimento científico e o conhecimento popular como instrumento para a promoção do uso da fitoterapia e para a descoberta de novos fármacos, porém deve-se respeitar a propriedade intelectual e a repartição de benefícios com a comunidade.

Auxilia também em estudos futuros de manejo sustentável da flora local, além de servir de base para a manutenção desse conhecimento na comunidade e como forma de resgate do conhecimento tradicional e meio de devolução do trabalho realizado na comunidade, esses dados resultaram na elaboração de uma cartilha a qual será devolvida a comunidade.

REFERENCIAS

- AB'SÁBER, A. N. **Ecosistemas do Brasil**. São Paulo: Metalivros, 2008.
- AHMED, F.; ISLAM, M. A.; RAHMAN, M. M. Antibacterial activity of *Leonurus sibiricus* aerial parts. **Fitoterapia**, v. 77, p. 316-317, 2006.
- ALBANO, M. N. et al. Anti-inflammatory and antioxidant properties of hydroalcoholic crude extract from *Casearia sylvestris* Sw. (Salicaceae). **Journal of Ethnopharmacology**, v. 147, p. 612-617, 2013.
- ALBUQUERQUE, U. P. **Introdução a etnobotânica**. 2ª Ed. Rio de Janeiro: Interciência. 80 p. 2005.
- ALBUQUERQUE, U. P. The use of medicinal plants by the cultural descendants of African people in Brazil. **Acta Farmacêutica Bonaerense**. v.20, p. 139-144, 2001.
- ALBUQUERQUE, U. P.; ANDRADE, L. H. C. Conhecimento botânico tradicional e conservação em uma área de caatinga no estado de Pernambuco, Nordeste do Brasil. **Acta Botânica Brasílica**. v. 16, n.3, p. 273-285, 2002.
- ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N. As pesquisas etnodirigidas na descoberta de novos fármacos de interesse médico e farmacêutico: fragilidades e perspectivas. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 16, p. 678-689, 2006.
- ALBUQUERQUE, U. P.; HANAZAKI, N., MELO, J. G., Problemas e perspectivas na publicação de trabalhos em etnobiologia. In: Métodos e técnicas na pesquisa etnobiológica e etnoecológica. (ogs) ALBUQUERQUE, U.P. LUCENA, R. F. P., CUNHA, L. V. F. C., **Etnobotânica aplicada à conservação da biodiversidade**. Recife/NUPPEA.pp. 439-461. 2010.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.. Métodos e técnicas para a coleta de dados. In **Métodos e Técnicas na Pesquisa Etnobotânica**. (Ed.). ALBUQUERQUE, U.P.; LUCENA, R. F. P. Recife: Livro Rápido/NUPEEA. p. 39-159. 2004.
- ALBUQUERQUE, U. P.; LUCENA, R. F. P.; MONTEIRO, J. M. M.; FLORENTINO, A. T. N.; ALMEIDA, C. F. R. Evaluating two quantitative ethnobotanical techniques. **Ethnobotany Research e Applications**. V.4, p. 51-60, 2006.
- ALEXIADES, M. N. **Apuntes hacia una metodologia para la investigacions etnobotânica**. Conferencia Magistral. VI Congreso Nacional de Etnobotánica, 1995.
- ALEXIADES, M. **Selected guidelines for ethnobotanical research: a field manual**. New York: The New York Botanical Garden, 1996.

- ALMEIDA, M. Z. **Plantas medicinais**. 1ª ed. Salvador: EDUFBA. v. 1, 192 p. 2000.
- ALVES, A.P.A.F., TOMASI, T., SAHR, C.L.L. A perspectiva etnográfica na identificação e caracterização de elementos cotidianos de uma comunidade quilombola. *Observatorium: Ver. Eletrônica de Geografia*. V.3, n.7, p77-100, 2011.
- AMAT, N.; UPUR, H.; BLAZEKOVIC, B. In vivo hepatoprotective activity of the aqueous extract of *Artemisia absinthium* L. against chemically and immunologically induced liver injuries in mice. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 131, pp. 478-484. 2010.
- AMOROZO, M. C. M. A abordagem etnobotânica na pesquisa de Plantas Medicinais. In: DI STAZSI, L. C. (Org.). **Plantas medicinais: Arte e Ciência, um guia de estudo interdisciplinar**. São Paulo: EDUSP, p. 47-68, 1996.
- AMOROZO, M. C. M. Uso e diversidade de plantas medicinais em Santo Antonio do Leverger, MT, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v. 16, n.2, p. 189-203, 2002.
- AMOROZO, M. C. M.; GÉLY, A. Uso de plantas medicinais por caboclos do Baixo Amazonas, Barcarena, PA, Brasil. **Boletim do Museu Paraense Emílio Goeldi, Série Botânica**, v. 4, p. 47-131, 1988.
- ARRUDA, R. Populações tradicionais e a proteção dos recursos naturais em unidade de conservação. **Revista Ambiente & Sociedade**. v.2, p. 79-92, 1999.
- BEGOSSI, A.; HANAZAKI, N.; TAMASHIRO, J. Y. Medicinal plants in the atlantic forest (Brazil): knowledge, use, and conservation. **Human Ecology**, v. 30, p. 281-299, 2002.
- BERLIN, B. On the making of a comparative ethnobiology. In: **Ethnobiological Classification: principles of categorization of plants and animals in traditional societies**, Princeton, Princeton University. p. 3-51, 1992.
- BERNARD, H. R. **Research Methods in Cultural Anthropology**. Newbury Park, CA: Sage. 1988.
- BETTI, J. L. An ethnobotanical study of medicinal plants among the Baka pygmies in the Dja Biosphere Reserve, Cameroon. **African Study Monographs**, v. 25, n. 1, p. 1-27, 2004.
- BRASIL, MMA. **A Convenção sobre Diversidade Biológica – CDB**, Cópia do Decreto Legislativo nº 2, de 5 de junho de 1992. MMA. Brasília, p.30, 2002.

BRASIL. **Artigo 68 do seu Ato das Disposições Constitucionais Transitórias**. Disponível em: <http://www.stf.jus.br/portal/constituicao/artigobd.asp?item=%202105>. Acesso em: 05 fev. 2013.

BRASIL. **Decreto nº 4887 de 20 de novembro de 2003: Art. 2º**. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/2003/d4887.htm. Acesso em: 05 fev. 2003.

BRASILEIRO, B. G. et al. Plantas medicinais utilizadas pela população atendida no “Programa de Saúde da Família”, Governador Valadares, MG, Brasil. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**, v. 44, p. 629-636, 2008.

BRAZ-FILHO, R. Química de Produtos Naturais: Importância, Interdisciplinaridade, Dificuldades e Perspectivas. A Peregrinação de um Pacatubano. **Química Nova**, v. 17, n. 5, p. 405-45, 1994.

BRITO, A. R. M.; BRITO, A. A. S. Forty years of Brazilian medicinal plant research. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 39, p. 53-67, 1993.

CALHEIROS, F. P.; STADTLER, H. H. C. Identidade étnica e poder: os quilombos nas políticas públicas brasileiras. **Revista Katálysis**, v.13, n.1, 2010.

CAMARGO, M. T. L. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros I**. Almed: São Paulo. 1988

CAMARGO, M. T. L. **Plantas medicinais e de rituais afro-brasileiros II**. Ícone: São Paulo. 1998

CAPLAN, S. Using focus group methodology for ergonomic design. **Ergonomics**, v. 33, n.5, p. 527-33, 1990.

CARVALHO, A. H. O et al. Verificação de atividade antimicrobiana de extratos de plantas silvestres. **Revista Eletrônica de Biologia**, v. 1, p. 2-7, 2008.

CEDEFES. **Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva, 2008**. Disponível em: <http://www.cedefes.org.br/#>. Acesso em: 14 março 2013.

CHAH, K. F, EZE, C. A, EMUELOSI, C. E., ESIMONE, C. O: Antibacterial and wound healing properties of methanolic extracts of some Nigerian medicinal plants. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 8, pp.164-167, 2006.

CHOI, E.; HWANG, J. Antiinflammatory, analgesic and antioxidant activities of the fruit of *Foeniculum vulgare*. **Fitoterapia**. V. 75, p. 557-565, 2004.

COELHO-FERREIRA, M. R. **Identificação e valorização das plantas medicinais de uma comunidade pesqueira do litoral paraense (Amazônia brasileira)**. Belém: Universidade Federal do Pará/Museu Paraense Emílio Goeldi, 2000. 259 p. Tese (Doutorado em Ciências Biológicas)-UFPA/MPEG.

CONDE, B. E. **Etnofarmacologia no entorno do Jardim Botânico da Universidade Federal de Juiz de Fora, como subsídio para a implantação de horto medicinal comunitário**. 66 p. 2012. Dissertação (Mestrado em Ecologia).

COSTA, J. B. A. As formações quilombolas em Minas Gerais. Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI, História e resistência. Belo Horizonte. **Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva – CEDEFES**, 2007.

CREPALDI, M. O. S.; PEIXOTO, A. L. Use and knowledge of plants by “Quilombolas” as subsidies for conservation efforts in an area of Atlantic Forest in Espírito Santo State, Brazil. **Biodiversity and Conservation**. v. 19, p. 37–60, 2010.

DI STASI, L. C.; OLIVEIRA, G. P.; CARVALHAES, M. A.; QUEIROZ-JUNIOR, M.; TIEN, O. S.; KAKINAMI, S. H., REIS, M. S. Medicinal plants popularly used in the Brazilian Tropical Atlantic Forest. **Fitoterapia**. v. 73, p. 69-91, 2002.

DIEGUES, A. C. S. **Etnoconservação: novos rumos para a conservação da natureza**. São Paulo: Hucitec, 2000.

DIEGUES, A. C., ARRUDA, R. S. V., SILVA, V. C., F., FIGOLS, F. A. B., ANDRADE, D. ANTONIO CARLOS. Ministério do Meio Ambiente. **Saberes Tradicionais e Biodiversidade no Brasil**. Brasília, MMA/NUPAUB-USP. 2000.

ELISABETSKY, E. Etnofarmacologia. **Ciencia e Cultura**. v.55, n.3, 2003.

EL-TANTAWY M.; EL-SAKHAWY F., EL-DEEB K.; FATHY M., HASSAN A. K. A phytochemical and pharmacological study of *Adiantum capillus veneris* L. growing in Egypt. **Journal of Pharmaceutical Sciences**. V. 3, p. 97-103, 1994.

ERHAN, M. K.; BOLUKBASI, S. C.; URUSAN, H. Biological activities of pennyroyal (*Mentha pulegium* L.) in broilers. **Livestock Science**, v. 146, p. 189-192, 2012.

ETKIN, N. Anthropological methods in ethnopharmacology. **Journal of Ethnopharmacology**. V. 38, p. 93-104, 1993

ETKIN, N. L.; ELISABETSKY, E. **Seeking a transdisciplinary and culturally germane science: The future of ethnopharmacology**. **Journal of Ethnopharmacology**, v.100, p. 23-26, 2005.

FONSECA-KRUEL, V. S. et al. **Plantas úteis da restinga: o saber dos pescadores artesanais de Arraial do Cabo, Rio de Janeiro**. Rio de Janeiro, Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro. 2006.

FONSECA-KRUEL, V. S. F.; PEIXOTO, A. L. Etnobotânica na Reserva Extrativista Marinha de Arraial do Cabo. **Acta Botanica Brasilica**, v. 18, p. 177-190, 2004.

FRANÇA, I. S. X.; SOUZA, J. A.; BAPTISMAN R. S.; BRITTO, V. R. S. Medicina popular: Benefícios e malefícios das plantas medicinais. **Revista Brasileira Enfermagem**. Brasília v.61, p. 201-8, 2007.

FRANCO, E. A. P.; BARROS, R. F. M. Uso e diversidade de plantas medicinais no Quilombo Olho D'água dos Pires, Esperantina, Piauí. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**, Botucatu, v.8, p. 78-88, 2006.

GALEANO, E. As veias abertas da América Latina. 4 Edição. Paz e Terra p. 384.

GARCIA, D., DOMINGUES, M. V., RODRIGUES, E. Pesquisa etnofarmacológica entre os migrantes que vivem na Mata Atlântica do sudeste de Diadema, São Paulo, Brasil. **Jornal de Etnobiologia e Ethnomedicine**. v.6, n. 29, 2010.

GODOY, A. Pesquisa qualitativa – tipos fundamentais. RAE - **Revista de Administração de Empresas**, v. 35, n.3, p. 20-29, 1995.

GOMES, T. B.; BANDEIRA, F. P. S. F Uso e diversidade de plantas medicinais em uma comunidade quilombola no Raso da Catarina. **Acta Botanica Brasilica**. v. 26, p. 796-809, 2012.

GORDON, E.A., GUPPY, L.J., NELSON, M. The antihypertensive effects of the Jamaican Cho-Cho (*Sechium edule*). **West Indian Medical Journal**. v. 49, p. 27-31, 2000.

GUARIM NETO, G.; GUARIM, V. L. M. S.; CARNIELLO, M. A.; SILVA, C. J.; PASA, M. C. Etnobiologia, etnoecologia e etnobotânica: as conexões entre o conhecimento humano e os ambientes em Mato Grosso, Brasil. In. **Etnobiologia e Etnoecologia: pessoas & natureza na América Latina**. (org) SILVA, V. A., ALMEIDA, A. L. S., ALBUQUERQUE, U. P. NUPEEA. p. 145-172. 2010.

GUARIM NETO, G.; MORAIS, R. G. Recursos medicinais de espécies do Cerrado de Mato Grosso: um estudo bibliográfico. **Acta Botanica Brasilica**, v. 17, p. 561-584, 2003.

GUIMARÃES, C. M., **Escravidão e quilombo nas Minas Gerais do século XVIII**. História de Minas Gerais, 2007.

HAMILTON, A. C. Medicinal plants, conservation and livelihoods. **Biodiversity and Conservation**. v. 13, p. 1477–1517, 2004.

HANAZAKI, N. et al. **Etnobotânica Caiçara no litoral paulista**. São Carlos, RiMa 108p. 2007.

HELMERSSON J., ARNLOV J., LARSSON A., BASU S. Low dietary intake of beta-carotene, alpha-tocopherol and ascorbic acid is associated with increased inflammatory and oxidative stress status in a Swedish cohort. **Journal of Nutrition**. v. 12, n. 101, 2009.

HETLAND, G. et al. Protective Effect of *Plantago major* L. Pectin Polysaccharide against Systemic Streptococcus pneumoniae Infection in Mice. **Scandinavian Journal of Immunology**, v. 52, p. 348-355, 2000.

ISLAM M. A., AHMED F, DAS AK, BACHAR S.C: Analgesic and anti-inflammatory activity of *Leonurus sibiricus*. **Fitoterapia**. v.76, p.359-362. 2005

IUCN de 2013. A Lista Vermelha de Espécies Ameaçadas da IUCN. Versão 2.013,2 . <<http://www.iucnredlist.org>>. Transferido em 21 de novembro de 2013.

Livro vermelho da flora do Brasil. (OGS) Gustavo Martinelli, Miguel Avila Moraes; tradução Flávia Anderson, Chris Hieatt. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Andrea Jakobsson: Instituto de Pesquisas Jardim Botânico do Rio de Janeiro, 1100 p. 2013.

KISHORE, R. N. Evaluation of anxiolytic activity of ethanolic extract of *Foeniculum vulgare* in mice model. **International Journal of Pharmacy and Pharmaceutical Sciences**, v. 4, p. 584-586, 2012.

LEITE, I. B. O projeto político quilombola: desafios, conquistas e impasses atuais. **Revista Estudos Feministas**. v.16, n.3, 2008.

LIMA, R. X.; SILVA, S. M.; SILVA, Y. S. K. L. B. Etnobiologia de comunidades continentais da Área de Proteção Ambiental de Guaraqueçaba - Paraná - Brasil. **Etnoecológica**. v. 4, n.1, p. 33-55, 2000.

LIPP, F. J. Methods for ethnopharmacological field work. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 25, p. 139-150, 1989.

Lista de Espécies da Flora do Brasil. Jardim Botânico do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://floradobrasil.jbrj.gov.br/>>. Acesso em: 04 Fev. 2013

LORENZI, H.; MATOS, F. J. A. **Plantas medicinais no Brasil: nativas e exóticas**. 2ª ed. Nova Odessa, São Paulo: Instituto Plantarum. 544p. 2008.

LUCENA, R. E. P. **A hipótese da aparência ecológica poderia explicar a importância local de recursos vegetais em uma área de caatinga?** Recife: UFRPE, 2005. Dissertação (Mestrado em Botânica).

MACEDO, A. L. **Atividades antibacterianas contra *Gardnerella vaginalis*, anti-inflamatória e antiproliferativa *in vitro* de extratos de folhas de *Gossypium barbadense* L. (Malvaceae).** 123 p. 2013. Dissertação (Mestrado Produtos Naturais). Universidade Federal de Juiz de Fora, Juiz de Fora.

MACIEL, M. A. M., PINTO, A. C., VEIGA, V.F.Jr., Plantas medicinais: a necessidade de estudos multidisciplinares. **Química Nova**, v.25, no.3, 2002.

MAIOLI-AZEVEDO, V.; FONSECA-KRUEL, V.S. Plantas medicinais e ritualísticas vendidas em feiras livres no Município do Rio de Janeiro, RJ, Brasil: estudo de caso nas zonas Norte e Sul. **Acta Botanica Brasilica**, v. 21, p. 263-275, 2007.

MARTIN, G. J. Ethnobotany. **A Methods Manual**. WWF for Nature International, London, UK: Chapman and Hall. 268 p, 1995.

MASSAROTTO, N. P. Diversidade e Uso de Plantas Medicinais por comunidade quilombolas Kalunga e urbanas, no nordeste do estado de Goiás, GO- Brasil. **Programa de Pós Graduação de Ciências Florestais**, Faculdade de Tecnologia. Universidade Federal de Brasília. 2009.

MENDONÇA FILHO, R. F. W.; MENEZES, F. S. Estudo da utilização de Plantas Medicinais pela população da Ilha Grande. RJ. **Revista Brasileira de Farmacognosia**. v. 13, p. 55-58, 2003.

MEYER, L., ESEMANN, K., ZENI, A. L. B., Etnobotânica na comunidade de Santa Bárbara, Ascurra, Santa Catarina, Brasil. **Revista Brasileira de Biociências**. v. 10, n. 3, p. 258-266, 2012.

MING, L.C. Estudo e pesquisa de plantas medicinais na agronomia. **Horticultura Brasileira**. v.12, n. 1, p. 3-9. 1994.

MONTELES, R.; PINHEIRO, C. U. B. Plantas medicinais em um quilombo maranhense: uma perspectiva etnobotânica. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**, v.2, n.7, p. 38-48, 2007.

MOURA, A. C, SILVA, E. L, FRAGA, M. C, WANDERLEY, A. G, AFATPOUR, P., MAIA, M. B: Antiinflammatory and chronic toxicity study of the leaves of *Ageratum conyzoides* L. in rats. **Phytomedicine**, v.12, p.138-142, 2005.

NARANJO, J. D. L. P. et al. Actividad antiparasitaria de una decocción de *Mentha piperita* Linn. **Revista Cubana de Medicina Militar**, v. 35, n. 3, 2006.

NAZARETH, H. D. G.; FERNANDES, R. L. S. A questão fundiária na comunidade quilombola remanescente: um estudo das relações educativas no Quilombo de Santana. **Revista África e Africanidades**, Ano 2, n. 6. 2009.

NOGUEIRA, J. C.; DINIZ, M. F.; LIMA, E. O. In vitro antimicrobial activity of plants in Acute Otitis Externa. **Brazilian Journal of Otorhinolaryngology**, v. 74, p. 118-124., 2008.

OLIVA A., MEEPAGALA K. M, WEDJE D.E., HARRIES D, HALE A. L., ALIOTTA G., DUKE S. O: Natural fungicides from *Ruta graveolens* L. leaves, including a new quinolone alkaloid. **Journal of Agricultural and Food Chemistry**.V.12, p.890-896, 2003.

LOURES OLIVEIRA, A.P.P. (Org.) . Arqueologia e Patrimônio da Zona da Mata Mineira: São João Nepomuceno. 1. ed. Juiz de Fora: Editar, 2004. v. 500. 188p.

OLIVEIRA D. R.; COSTA ALMA, LEITÃO G. G, CASTRO N. G, SANTOS J. P, LEITÃO S. G.. Estudo etnofarmacognóstico da saracuramirá (*Ampelozizyphus amazonicus* Ducke), uma planta medicinal usada por comunidades quilombolas do Município de Oriximiná-PA, Brasil. **Revista Acta Amazonica**. v.41, p. 383 – 392, 2011.

OLIVEIRA, R. L. C.; NETO, E. M. F. L.; ALBUQUERQUE, U. P.; ARAÚJO, E. L. Prioridades de conservação de plantas medicinais. In: **Tópicos em Conservação, Etnobotânica e Etnofarmacologia de Plantas Medicinais e Mágicas**. (Ed) ALBUQUERQUE, U. P., ALMEIDA, C. F. C. B. R., MARINS, J. F. A. Recife. NUPPEA. p. 165-189, 2005.

OMS. Organização Mundial da Saúde. **Relatório Mundial da Saúde. Saúde mental: nova concepção, nova esperança**. 135p, 2001. Disponível em: http://www.who.int/whr/2001/en/whr01_po.pdf. Acesso em: 16 agost. 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE. 2000. CID - 10: Classificação Estatística Internacional de Doenças e Problemas Relacionados à Saúde. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo. Disponível em: <http://www.cid10.com.br/>. Acesso:06/02/2013

PANIZZA, S.; ROCHA A. B.; GECCHI, R.; SILVA R. A. P. S. *Stryphnodendron barbatiman* (Veloso) Martius: teor em tanino na casca e sua propriedade cicatrizante. **Revista Brasileira de Ciências Farmacêuticas**. v.10,p. 101-106, 1988.

PASA, M. G.; SOARES, J. J.; NETO, G. G. Estudo etnobotânico na comunidade de Conceição- Açú (alto da bacia do rio Aricá Açú, MT, Brasil. **Acta Brasilica**. São Paulo, v.19, n. 2, p. 195- 207, 2005.

PHILLIPS, O.; GENTRY, A. H. The useful plants of Tambopata, Peru: I. Statistical hypothesis tests with a new quantitative technique. **Economic Botany**, v. 47, p. 15-32, 1993.

PILLA, M. A. C., AMOROZO, M. C. M., FURLAN, A. Obtenção e uso das plantas medicinais no distrito de Martim Francisco, Município de Mogi-Mirim, SP, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**. v.20, n.4, p.789-802, 2006.

PIN, C. H., ABDLULLAH, A. Penentuan Aktiviti antimikrob herba kacangma erva-macaé. Determinação da atividade antimicrobiana de kacangma erva erva-macaé. **Sains Malaysiana**. V. 40, n.8, p. 879-885, 2011.

PINTO, E. P. P.; AMOROZO, M. C. M.; FURLAN, A. – Itacaré, BA, Brasil. **Acta Botânica**. v. 20, p. 751-762, 2006.

POSEY, D. A. Introdução a Etnobiologia: Teoria e Prática. In: RIBEIRO, D. (Edit), **Suma Etnológica brasileira**. Petrópolis: Vozes/FINEP, p. 15-25, 1987.

RAGHAV, S. K. et al. Anti-inflammatory effect of *Ruta graveolens* L. in murine macrophage cells. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 8, p. 234-239, 2006.

RAMOS, D. A influência africana e a cultura popular em Minas Gerais: Um comentário sobre a interpretação da escravidão. In(org.) SILVA, M. B. S. **Colonização e Escravidão**, 2000.

RAULLYAN, B. L. S. A etnobotânica de plantas medicinais da comunidade quilombola de Curiaú, Macapá-AP, Brasil. Universidade Federal Rural da Amazônia. 2002. 172 pag. Dissertação (Título de Mestre para Curso de Pós-graduação em Agronomia).

RESSEL L. B.; BECK, C. L. C. B.; GUALDA, D. M.; HOFFMANN, I. C.; SILVA R. M.; SEHNEM G. D. O uso do grupo focal em pesquisa qualitativa. **Texto Contexto Enfermagem**. v.17, n.2, p. 779-86, 2008.

REZENDE, H. Á.; COCCO, M. I. M. A utilização de fitoterapia no cotidiano de uma população rural. **Revista da Escola de Enfermagem USP**, v. 36, p. 282-288, 2002.

RIBEIRO, R. A., FIUZA DE MELO, M. M. R., BARROS, F., GOMES, C., TROLIN, G. Acute antihypertensive effect in conscious rats produced by some medicinal plants used in the state of São Paulo. **Journal of Ethnopharmacology**. v. 15, p. 261-269, 1986.

- RIOS, M. et al. **Benefícios da plantas da capoeira para a comunidade de Benjamin Constant, Pará, Amazônia Brasileira**. Belém CIFOR. 54p. 2001.
- RODRIGUES, E. Plants and Animals Utilized as Medicines in the Jaú National Park (JNP), Brazilian Amazon Phytotherapy Research. **Phytotherapy Research**. v.20, p.378–391, 2006.
- RODRIGUES, E.; CARLINI, E. A. Plants used by a Quilombola group in Brazil
- RODRIGUES, E.; CARLINI, E. L. A. Levantamento etnofarmacológico realizado entre um grupo de quilombolas do Brasil. **Arquivos Brasileiros de Fitomedicina Científica**, v.1, n.2, p. 80-87, 2003.
- RODRIGUES, J. de F. L. SANTOS, S. M. SOUZA, J. H. G. LAGO. The mystery of the ‘resin-of-canuaru’: A medicine used by caboclosriver-dwellers of the Amazon, Amazonas, Brazil. **Journal of Ethnopharmacology** . v.144, p. 806–808, 2012.
- RODRIGUES, V. E. G.; CARVALHO, D.A. Levantamento etnobotânico de plantas medicinais do domínio cerrado na região do Alto Rio Grande – Minas Gerais. **Ciência e Agrotecnologia**. v.15, n.1, p. 102-123, 2001.
- ROSSATO, S. C.; LEITÃO FILHO, H.; BEGOSSI, A. Ethnobotany of Caiçaras of the Atlantic Forest Coast (Brazil). **Economic Botany**. v. 53, p. 387-395, 1999.
- SALES, G. P. S.; ALBUQUERQUE, H. N.; CAVALCANTI, M. L. F. Estudo do uso de plantas medicinais pela comunidade quilombola Senhor do Bonfim – Areia-PB. **Revista de Biologia e Ciências da Terra**. Suplemento Especial. n. 1, v.2, 2009.
- SAMUELSEN, A. B. The traditional uses, chemical constituents and biological activities of *Plantago major* L. A review. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 71, p. 1-21, 2000.
- SANTOS, M. E. G. e CARMARGO, P. M., **Comunidades quilombolas de Minas Gerais no século XXI, História e resistência**. Belo Horizonte. Centro de Documentação Eloy Ferreira da Silva – CEDEFES, 2008.
- SANTOS, R. I. Metabolismos básico e origem dos metabólicos secundários. In: MELLO, J.C.P., Taninos, In.: SIMÕES, C.M.O, SHENKEL, E.P., GOSMAN, G., MELLO, J.C.P., MENTZ, L.A., PETROVICK, P.R. (orgs.). **Farmacognosia: da planta ao medicamento**. 3.ed. Porto Alegre/Florianópolis: Editora da Universidade UFRGS/ Editora da UFSC. p. 403-434, 2003.
- SCHARDONG, R. M. F.; CERVI, A. C. Estudos etnobotânicos das plantas de uso medicinal e místico na comunidade de São Benedito, Bairro São Francisco, Campo Grande, MS, Brasil. **Acta Biológica do Paraná**. v. 29, p. 187-217, 2000.

SCHEFFER, M. C.; MING, L. C.; ARAÚJO, A. J. Conservação de recursos genéticos de plantas medicinais. In: Queiróz, M.A. de; Goedert, C.O.; Ramos, S.R.R. (Eds.). **Recursos Genéticos e Melhoramento de Plantas para o Nordeste brasileiro**. (on line). Petrolina, Embrapa Semi-Árido/Brasília-DF: Embrapa Recursos Genéticos e Biotecnologia. 1999. Disponível: <http://www.cpatia.embrapa.br>.

SCHIMITT, A.; TURATTI, M. C. M.; CARVALHO, M., C., P. A atualização do conceito de quilombo: identidade e territórios nas definições teóricas. **Ambiente & Sociedade** - Ano V, No 10, 2002.

SCHULTS, R. E.; REIS, S. V. (eds.). **Ethnobotny: evolution of a discipline**. Cambridge, Timber Press. 1995.

SCHULTZ, C., BOSSOLANI, M.P., TORRES, L.MB., LIMA-LANDMAN, M.T.R., LAPA, A.J., SOUCCAR, C. Inhibition of the gastric H⁺,K⁺-ATPase by plectrinone A, a diterpenoid isolated from *Plectranthus barbatus* Andrews. **Journal of Ethnopharmacology**. v.111, p.1-7, 2007.

SEBRAE/MG. 1999. **Diagnóstico Municipal de Santos Dumont, Minas Gerais**. 150p.

SILVA, N.C.C. , BARBOSA, L. , SEITO, L.N., FERNANDES JUNIOR, A. antimicrobial activity and phytochemical analysis of crude extracts and essential oils from medicinal plants. **Natural Product Research: Formerly Natural Product Letters**. v. 26. 2012.

SILVEIRA, P. F.; BANDEIRA, M. A. M.; ARRAIS, P. S. D. Farmacovigilância e reações adversas às plantas medicinais e fitoterápicos: uma realidade, Fortaleza. **Revista brasileira de farmacognosia**. v.18, n.4, 2008.

SOARES, M. C.. Mina, Angola e Guiné: Nomes d'África no Rio de Janeiro Setecentista. **Tempo**, Vol. 3 - n° 6, Dezembro de 1998.

SOICKE, H.; LENG-PESCHLOW, E. Characterisation of flavonoids from *Baccharis trimera* and their antihepatotoxic properties. **Planta Medicinal**. v. 53, p.37-39. 1987.

SOUZA, C. D.; FELFILI, J. M. Uso de plantas medicinais na região do Alto paraíso de Goiás, GO, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 135-142, 2006.

STEHMANN , J. R., FORZZA, R. C., CAMPOSTRINI , R., SALINO, A., SOBRAL, M., COSTA, D. P., KAMINO, L. H. Y. **Plantas da Floresta Atlântica**. Rio de Janeiro. 2009.

SYLVESTRE, S. L.; ROSA, M. M. T. (org) **Manual metodológico para estudos botânicos na mata atlântica**. Seropédica: Universidade Federal Rural do Rio de Janeiro. p. 7-8, 2002.

TOMAZZONI, M. I.; NEGRELLE, R. R. B.; CENTA, M. L. Fitoterapia popular: a busca instrumental enquanto prática terapeuta. **Texto & Contexto Enfermagem**, v.15, n.1, p.115-21, 2006.

VEIGA JR. V. F, MACIEL M. A. M, PINTO A. C. Plantas medicinais: cura segura? **Quimica Nova**, v.28, p. 519-528, 2005.

VELASCO-LEZAMA, R. et al. Effect of *Plantago major* on cell proliferation in vitro. **Journal of Ethnopharmacology**, v. 103, p. 36-42, 2006.

VENDRUSCOLO, G. S, MENTZ, L. A. Dados químicos e farmacológicos sobre as plantas utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul. **Revista Brasileira de Farmacognosia Brazilian Journal of Pharmacognosy**. V. 15, n4, p. 361-372, 2006a.

VENDRUSCOLO, G. S.; MENTZ, L. A. Estudo da concordância das citações de uso e importância das espécies e famílias utilizadas como medicinais pela comunidade do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, RS, Brasil. **Acta Botanica Brasilica**, v. 20, p. 367-382, 2006b.

VENDRUSCOLO, G.S., **Estudo etnobotânico das plantas utilizadas como medicinais por moradores do bairro Ponta Grossa, Porto Alegre, Rio Grande do Sul**.2004. Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Dissertação de mestrado.

VIGILÂNCIA SANITÁRIA - Resolução RDC n.17, de 24 de fevereiro de 2000 (DOU de 25/02/2000 – Republicada no DOU de 24/04/2000) Dispõe sobre o registro de

VIGILÂNCIA SANITÁRIA. Resolução - RDC n.10, de 9 de março de 2010. Dispõe sobre a notificação de drogas vegetais junto à Agência Nacional de Vigilância Sanitária (ANVISA) e dá outras providências.

VILA, F. C. **Identificação dos flavonoides com atividade antioxidante da cana de açúcar (*Saccharum officinarum*)**. 68 p. 2006. Universidade de São Paulo. Dissertação de mestrado.

VIOLA H., WASOWSKI C., LEVI DE STEIN M., WOLFMAN C., SILVEIRA R., DAJAS F., MEDINA J. H., PALADINA A. C. Apigenin, a component of *Matricaria recutita* flowers, is a central benzodiazepine receptors-ligand with anxiolytic effects. **Planta Medica**.v.3. p.213-6, 1995.

VIU, A. F. M.; VIU, M. A. O.; CAMPOS, L. Z. O. Etnobotânica: uma questão de gênero? **Revista Brasileira de Agroecologia**, v. 5, n. 1, p. 138-147, 2010.

VOEKS R. A. **Sacred Leaves of Candomblé: African Magic, Medicine and Religion in Brazil**. University of Texas:Austin, TX. 1997.

WONG, J. L. G. The biometrics of non-timber forest product resource assessment: a review of current methodology. Roma: **European tropical forest researchnet work**, p. 115, 2000.

ZENI, A. L. B., BOSIO, F. Medicinal plants used in the Nova Rússia, Brazilian Atlantic Rain Forest. **Revista Brasileira de Plantas Mediciniais**. v.8, p. 167-171, 2006.

Anexo 1 - Autorização de Acesso ao Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético mediante ao Diário Oficial da União.

Nº 28, sexta-feira, 8 de fevereiro de 2013

ISSN 1677-7069

13



EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
Nº 1012/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 01530000178201358. Objeto: Contratação da artista Betriz Goes do Espírito Santo, para apresentação do show musical que ocorrerá no dia 17 de fevereiro do corrente ano no Espaço Brasil em Lisboa/Portugal, no âmbito das comemorações do Ano Brasil-Portugal. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000178/2013-58 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMELIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 01.472.044/0001-87 CARLOS HA MILTON MARTINS FELTRIN - ME.

(SIDEC - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
Nº 1013/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 0153000017201336. Objeto: Contratação do artista Jair Rodrigues Melo de Oliveira "Jair de Oliveira", para apresentação do show musical que ocorrerá no dia 21 de fevereiro do corrente ano no Espaço Brasil em Lisboa/Portugal, no âmbito das comemorações do Ano Brasil-Portugal. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000171/2013-36 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMELIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 08.741.133/0001-20 RCS PRODU COES ARTISTICAS E CINEMATOGRAFICAS LTDA - ME.

(SIDEC - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
Nº 1014/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 0153000017201381. Objeto: Contratação do artista Luis de Franca Guilherme de Queiroga Filho "Luís Queiroga", para apresentação do show musical que ocorrerá no dia 23 de fevereiro do corrente ano no Espaço Brasil em Lisboa/Portugal, no âmbito das comemorações do Ano Brasil-Portugal. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000172/2013-81 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMELIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 01.374.871/0001-38 LUNIC PROD UCOES LTDA - ME.

(SIDEC - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
Nº 1015/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 01530000169201367. Objeto: Contratação da cantora Jussara Maria Silveira Ferreira, em artes Jussara Silveira, para realizar uma apresentação no Espaço Brasil, no âmbito do evento Ano do Brasil em Portugal, na cidade de Lisboa/Portugal, no dia 15 de fevereiro de 2013. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000169/2013-67 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMELIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 05.778.530/0001-89 GUTORUOCC O PRODUCOES CULTURAIS LTDA - ME.

(SIDEC - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

EXTRATO DE INEXIGIBILIDADE DE LICITAÇÃO
Nº 1016/2013 - UASG 403201

Nº Processo: 01530000170201391. Objeto: Contratação da cantora Luciana Rodrigues Melo de Oliveira Levy, em artes Luciana Mello, para realizar uma apresentação no Espaço Brasil, no âmbito do evento Ano do Brasil em Portugal, na cidade de Lisboa/Portugal, no dia 16 de fevereiro de 2013. Total de Itens Licitados: 00001. Fundamento Legal: Art. 25º, Inciso III da Lei nº 8.666 de 21/06/1993. Justificativa: Conforme Processo: 01530.000172/2013-91 Declaração de Inexigibilidade em 06/02/2013. ANA AMELIA DE CARVALHO VELLOSO, Coordenadora do Gabinete da Presidência. Ratificação em 06/02/2013. ANTONIO CARLOS GRASSI, Presidente da Funarte. Valor Global: R\$ 10.000,00. CNPJ CONTRATADA: 08.741.133/0001-20 RCS PRODU COES ARTISTICAS E CINEMATOGRAFICAS LTDA - ME.

(SIDEC - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 5/2013 - UASG 403201

Número do Contrato: 41/2011.
Nº Processo: 01530001035/11-00.
PREGÃO SISPP Nº 41/2011 Contratante: FUNDAÇÃO NACIONAL DE ARTES FUNARTE/CNPJ Contratado: 00729160000176. Contrato: SPOT REPRESENTACOES E SERVICOS-LTDA. Objeto: As partes resolvem alterar o prazo de vigência estabelecido no item 7.1 da cláusula sétima do contrato ora aditado, passando a sua vigência a se encerrar em 28 de fevereiro de 2013. Fundamento Legal: Lei nº 8.666/93. Vigência: 01/02/2013 a 28/02/2013. Data de Assinatura: 31/01/2013.

(SICON - 07/02/2013) 403201-40402-2012NE800025

INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS

EXTRATO DE CONVÊNIO

Espécie: Convênio Nº 778691/2012. Convenientes: Concedente: INSTITUTO BRASILEIRO DE MUSEUS, Unidade Gestora: 423002. Gestor: 42207. Conveniente: SECRETARIA DE ESTADO DA CULTURA. CNPJ nº 94.235.330/0001-00. Elaborar a documentação básica para possibilitar a posterior obra de restauração e ampliação do Museu Júlio de Castilhos. Essa documentação consiste no levantamento arquitetônico, análises de reboco, pintura e fundação, diagnóstico do estado físico, projeto executivo de restauração e ampliação do museu, memorial descritivo, planilha orçamentária, levantamento fotográfico e cronograma-físico financeiro. Além disto, a instalação de uma rede elétrica provisória, dando conta do isolamento para garantir dos demais seValor Total: R\$ 325.837,31. Valor de Contratação: R\$ 70.000,00. Crédito Orçamentário: PTRES: 47082. Fonte Recurso: 0118033902. ND: 33304. Num Empenho: 2012NE800392. Vigência: 20/12/2012 a 02/08/2013. Data de Assinatura: 20/12/2012. Signatários: Concedente: JOSE DO NASCIMENTO JUNIOR, CPF nº 083.318.568-92. Conveniente: LUIZ ANTONIO DE ASSIS BRASIL E SILVA, CPF nº 006.456.560-20.

(SICONV(PORTAL) - 07/02/2013)

MUSEU DA REPÚBLICA

AVISO DE LICITAÇÃO
PREGÃO ELETRÔNICO Nº 1/2013 - UASG 343018

Nº Processo: 01437000825201217. Objeto: Pregão Eletrônico - Contratação de pessoa jurídica especializada, para prestação de serviços contínuos de suporte de apoio administrativo para atender as necessidades do Museu da República, de acordo com o Termo de Referência - Anexo I. Total de Itens Licitados: 00001. Edital: 08/02/2013 de 11h00 as 13h00 e de 14h as 17h00. Endereço: Rua do Caxete, 153 - Caxete Caxete - RIO DE JANEIRO - RJ. Entrega das Propostas: a partir de 08/02/2013 as 11h00 no site www.comprasnet.gov.br. Abertura das Propostas: 22/02/2013 as 11h00 site www.comprasnet.gov.br. Informações Gerais: Maiores informações, contactar o Sr Rogério Maurílio Alecrim Rezende no telefone (21)3235-5113.

ROGERIO MAURILIO ALECRIM REZENDE
Presidente da Comissão Permanente de Licitação

(SIDEC - 07/02/2013) 423002-42207-2013NE800010

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO
E ARTÍSTICO NACIONAL

AVISO DE AUTORIZAÇÃO

O Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional - IPHAN, no uso das competências conferidas pela Deliberação CGEN/MMA nº 279, de 20 de setembro de 2011, publicada no DOU de 9 de novembro de 2011, de acordo com a Medida Provisória nº 2.186 -16, de 23 de agosto de 2001, o Decreto nº 3.945, de 28 de setembro de 2001, e demais normas atinentes, concedeu AUTORIZAÇÃO de Acesso ao Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético, para fins de pesquisa científica, à Universidade Federal de Juiz de Fora - UFJF, em conformidade com o Processo nº 01450.010839/2012-62.

Projeto - Estudo Etnobotânico em Comunidades Quilombolas da Zona da Mata Mineira.

Objetivo geral da pesquisa - O estudo fundamenta-se em: registrar, documentar e resgatar os conhecimentos tradicionais relativos às plantas pelas comunidades quilombolas mineiras de São Pedro de Cima, Colônia do Paioil, São Sebastião da Boa Vista e São Bento, avaliando a erosão cultural nestas comunidades. Identificar a diversidade de vegetais utilizados, bem como o manejo dos mesmos estabelecendo comparações etnográficas, culturais e socioambientais das referidas comunidades.

Comunidade envolvida - Comunidades Quilombolas de São Pedro de Cima, Colônia do Paioil, São Sebastião da Boa Vista e São Bento

Localização - Municípios de Divino, Bicas Fortes, Santos Dumont, Minas Geras-MG

Validade da autorização - março/2014

JUREMA MACHADO
Presidente do Instituto

SUPERINTENDÊNCIA DO AMAPÁ

EXTRATO DE CONTRATO Nº 7/2012 - UASG 343041

Nº Processo: 01424000102011294.
TOMADA DE PREÇOS Nº 1/2012 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-E ARTÍSTICO NACIONAL - CNPJ Contratado: 06992587000149. Contratado: ESTILO NACIONAL LTDA - EPP - Objeto: Serviços especializados para elaboração inventário nacional das referências culturais do Maranhão do Amapá, de modo a subsidiar a formulação e execução de Plano de Salvaguarda em elaboração de um dossiê para encaminhamento de proposta de registro do referido bem, como Patrimônio Cultural do Brasil. Fundamento Legal: Tomada de Preço com vulgo no Art. 22, II da Lei 8.666/93. Vigência: 21/12/2012 a 07/12/2013. Valor Total: R\$198.178,56. Fonte: 1000000000 - 2012NE800085. Data de Assinatura: 21/12/2012.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 1/2013 - UASG 343041

Número do Contrato: 2/2012.
Nº Processo: 01424000106201156.
PREGÃO SISPP Nº 1/2011 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-E ARTÍSTICO NACIONAL - CNPJ Contratado: 03110313000190. Contratado: MARIA RODRIGUES DA SILVA - EPP - Objeto: Prorrogação da vigência do contrato por mais 12 (doze) meses consecutivos, e a repactuação dos valores iniciais com base na Convenção Coletiva de trabalho 2012/2012, com registro no MTE: AP000084/2012, conforme previsto nas cláusulas do contrato. Fundamento Legal: Art. 65 da Lei 8.666/93. Vigência: 02/01/2013 a 02/01/2014. Valor Total: R\$18.327,60. Fonte: 1000000000 - 2012NE800005. Data de Assinatura: 02/01/2013.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 2/2013 - UASG 343041

Número do Contrato: 2/2012.
Nº Processo: 01424000106201156.
PREGÃO SISPP Nº 1/2011 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-E ARTÍSTICO NACIONAL - CNPJ Contratado: 0538949000157. Contratado: LUNIC LTDA - EPP - Objeto: Prorrogação da vigência do contrato por mais 12 (doze) meses consecutivos, e a repactuação dos valores iniciais com base na Convenção Coletiva de trabalho 2012/2012, com registro no MTE: AP000084/2012, conforme previsto nas cláusulas nona e décima primeira do contrato. Fundamento Legal: Art. 65 da Lei 8.666/93. Vigência: 02/01/2013 a 02/01/2014. Valor Total: R\$39.016,32. Fonte: 1000000000 - 2012NE800011. Data de Assinatura: 02/01/2013.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 2/2012 - UASG 343041

Número do Contrato: 4/2012.
Nº Processo: 01424000106201156.
PREGÃO SISPP Nº 1/2011 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-E ARTÍSTICO NACIONAL - CNPJ Contratado: 03110313000190. Contratado: MARIA RODRIGUES DA SILVA - EPP - Objeto: Prorrogação da vigência do contrato por mais 12 (doze) meses consecutivos, e a repactuação dos valores iniciais com base na Convenção Coletiva de trabalho 2012/2012, com registro no MTE: AP000084/2012, conforme previsto nas cláusulas nona e décima primeira do contrato. Fundamento Legal: Art. 65 da Lei 8.666/93. Vigência: 02/01/2013 a 02/01/2014. Valor Total: R\$28.260,60. Fonte: 1000000000 - 2012NE800004. Data de Assinatura: 31/12/2012.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

EXTRATO DE TERMO ADITIVO Nº 3/2013 - UASG 343041

Número do Contrato: 5/2012.
Nº Processo: 0142400010201114.
TOMADA DE PREÇOS Nº 5/2012 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-E ARTÍSTICO NACIONAL - CNPJ Contratado: 3491285000122. Contratado: INSTITUTO DE PESQUISAS CIENTÍFICAS TECNOLÓGICAS DO ES. Objeto: Prorrogação da vigência do contrato por mais 90 (noventa) dias. Fundamento Legal: Art. 57 §1, II da Lei 8.666/93. Vigência: 07/01/2013 a 08/04/2013. Data de Assinatura: 07/01/2013.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2012NE800077

SUPERINTENDÊNCIA EM SANTA CATARINA

EXTRATO DE CONTRATO Nº 1/2013 - UASG 343011

Nº Processo: 01510003122012111.
PREGÃO SISPP Nº 1/2013 Contratante: INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO-E ARTÍSTICO NACIONAL - CNPJ Contratado: 03814774000144. Contratado: CANADENSE - ADMINISTRAÇÃO E - SERVICOS LTDA. Objeto: Prestação de serviços continuados de limpeza e conservação com fornecimento de materiais de limpeza e higiene e equipamentos, a serem executados no Preço da Artig Alínea em Fomento do SC. Fundamento Legal: Lei 10.520/2002, Decreto 5.555/2000, Decreto 5.450/2006 e Lei 8.666/93. Vigência: 04/02/2013 a 04/02/2014. Valor Total: R\$28.998,00. Fonte: 1000000000 - 2013NE800001. Data de Assinatura: 04/02/2013.

(SICON - 07/02/2013) 343026-40401-2013NE800077

Anexo 2 – Autorização no

site:<http://portal.iphan.gov.br/portal/montarDetalheConteudo.do?id=16555&sigla=Institucional&retorno=detalheInstitucional>

BRASIL



IPHAN

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL

[Início](#) [Contato](#)
[Mapa](#) [Intranet](#)

IPHAN**PATRIMÔNIO CULTURAL****BENS TOMBADOS E REGISTRADOS****GESTÃO****PUBLICAÇÕES****EDITAIS E SELEÇÕES**

Principal » Patrimônio Cultural » Patrimônio Imaterial » Conhecimento Tradicional Associado ao Patrimônio Genético » Autorizações Concedidas e Publicadas no DOU

buscar

- A+

Autorizações Concedidas e Publicadas no DOU

O Instituto do patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN, no uso das competências conferidas pela Deliberação nº. 279, de 20/09/2011, de acordo com a Medida Provisória nº. 2.186 -16, de 23/08/2001, o Decreto nº. 3.945, de 28/09/2001, e demais normas atinentes, concedeu as seguintes autorizações de acesso a Conhecimento Tradicional Associado ao patrimônio genético, para fins de pesquisa científica:

2013

Autorização nº 001/2013

Processo nº.: 01450.010839/2012-62 – Rito ordinário

Instituição de origem: Universidade Federal de Juiz de Fora – UFJF

Projeto de pesquisa: "Estudo Etnobotânico em Comunidades Quilombolas da Zona da Mata Mineira"

Comunidade envolvida: Comunidades Quilombolas de São Pedro de Cima, Colônia do Paiol, São Sebastião da Boa Vista e São Bento/MG

Localização: Municípios de Divino, Bias Fortes e Santos Dumont /MG

Coordenador: Daniel Sales Pimenta – UFJF

Pesquisadores: Bruno Esteves Conde, Izabela Taiana Salazar Rogério, Aline Moreira de Siqueira e Mônica Ferreira de Britto Lyra

Status: Autorizado em 08/02/2013

Validade: 03/2014

Publicação DOU - UFJF - Processo nº 01450.010839/2012-62

Saiba Mais

- ▶ [Agenda](#)
- ▶ [Bancos de Dados](#)
- ▶ [Bibliotecas do IPHAN](#)
- ▶ [Blogs do IPHAN](#)
- ▶ [Cadastro Nacional de Negociantes de Antiguidades e Obras de Arte](#)
- ▶ [Concurso IPHAN](#)
- ▶ [Editais e Seleções](#)
- ▶ [Legislação](#)
- ▶ [Links Patrimônio Cultural](#)
- ▶ [Notícias](#)
- ▶ [Perguntas Frequentes](#)
- ▶ [Sistema Nacional do Patrimônio Cultural](#)
- ▶ [Transparência Pública](#)



Ministério da Cultura

**AGÊNCIA NACIONAL DO CINEMA
SECRETARIA DE GESTÃO INTERNA**

DELIBERAÇÃO Nº 203, DE 16 DE NOVEMBRO DE 2009

O DIRETOR-PRESIDENTE da ANCINE, no uso das atribuições legais conferidas pela Resolução de Diretoria Colegiada Nº 22/2009, e em cumprimento ao disposto na Lei Nº 8.313, de 23/12/1991, Lei Nº 8.685, de 20/07/1993, Medida Provisória Nº 2.228-1, de 06/09/2001, e Decreto Nº 4.456, de 04/11/2002, resolve:

Art. 1º Aprovar a troca de titularidade do projeto audiovisual abaixo relacionado da empresa República Pura Filmes Ltda. para a empresa Franco Produções, Filmes, Eventos e Promoções Ltda. - ME para o qual a proponente fica autorizada a captar recursos mediante patrocínio nos termos do art. 1º-A da Lei Nº 8.685/93.

09-0019 - Sobre a Néblina
Processo: 01580.002202/2009-11
Proponente: Franco Produções, Filmes, Eventos e Promoções Ltda. - ME
Cidade/UF: Rio de Janeiro/RJ
CNPJ: 39.183.983/0001-84
Valor total do orçamento aprovado: R\$ 1.457.083,20
Valor aprovado no artigo 1º-A da Lei Nº 8.685/93: R\$ 1.384.229,04
Banco: 001- agência: 2865-7 conta corrente: 24.228-4
Aprovado na Reunião de Diretoria Colegiada Nº 331, realizada em 10/11/2009.

Art. 2º Esta Deliberação entra em vigor na data de sua publicação.

MANOEL RANGEL

SUPERINTENDÊNCIA DE FOMENTO

DELIBERAÇÃO Nº 204, DE 18 DE NOVEMBRO DE 2009

O SUPERINTENDENTE DE FOMENTO da ANCINE, no uso das atribuições legais conferidas pela Portaria Nº 101, de 17 de março de 2008 e em cumprimento ao disposto na Lei Nº 8.685, de 20 de julho de 1993, Medida Provisória Nº 2.228-1, de 06 de setembro de 2001, e Decreto Nº 4.456, de 04 de novembro de 2002, delibera:

Art. 1º Aprovar o remanejamento dos projetos audiovisuais abaixo relacionados, para os quais as proponentes ficam autorizadas a captar recursos através da comercialização de certificados de investimento, mediante patrocínio e através da formalização de contratos de co-produção nos termos dos arts. 1º, 1º-A e 3º da Lei Nº 8.685/93, respectivamente.

08-0329 - Sex Delícia
Processo: 01580.032715/2008-76
Proponente: Morena Filmes Ltda.
Cidade/UF: Rio de Janeiro/RJ
CNPJ: 42.473.256/0001-66
Valor total do orçamento aprovado: R\$ 6.230.394,83
Valor aprovado no artigo 1º da Lei Nº 8.685/93: R\$ 1.481.415,00
Banco: 001- agência: 3441-x conta corrente: 14.311-1
Valor aprovado no artigo 1º-A da Lei Nº 8.685/93: R\$ 437.460,00
Banco: 001- agência: 3441-x conta corrente: 14.315-4
Valor aprovado no artigo 3º da Lei Nº 8.685/93: de R\$ 0,00 para R\$ 1.000.000,00
Banco: 001- agência: 3441-x conta corrente: 14.313-8
Prazo de captação: até 31/12/2009
05-0453 - Entre a Dor e o Nada
Processo: 01580.054107/2005-70
Proponente: Meios de Produção e Comunicação Ltda.
Cidade/UF: Rio de Janeiro/RJ
CNPJ: 27.920.016/0001-79
Valor total do orçamento aprovado: R\$ 5.654.628,00
Valor aprovado no artigo 1º da Lei Nº 8.685/93: R\$ 3.000.000,00
Banco: 001- agência: 0287-9 conta corrente: 27.760-6
Valor aprovado no artigo 1º-A da Lei Nº 8.685/93: R\$ 1.000.000,00
Banco: 001- agência: 0287-9 conta corrente: 27.763-0
Valor aprovado no artigo 3º da Lei Nº 8.685/93: de R\$ 1.371.896,60 para R\$ 871.896,60
Banco: 001- agência: 0287-9 conta corrente: 27.761-4
Prazo de captação: até 31/12/2009
Art. 2º Esta Deliberação entra em vigor na data de sua publicação.

LUIZ FERNANDO NOEL DE SOUZA

FUNDAÇÃO CULTURAL PALMARES

PORTARIA Nº 185, DE 17 DE NOVEMBRO DE 2009

O Presidente da Fundação Cultural Palmares, no uso de suas atribuições legais conferidas pelo artigo 1º da Lei Nº 7.668 de 22 de agosto de 1988, em conformidade com a Convenção Nº 169 da Organização Internacional do Trabalho - OIT sobre Povos Indígenas e Tribais, ratificada pelo Decreto Nº 5.051, de 19 de abril de 2004, o

Decreto Nº 4.887 de 20 de novembro de 2003, §§ 1º e 2º do artigo 2º e § 4º do artigo 3º e Portaria Interna Nº 98, de 26 de novembro de 2007, publicada no Diário Oficial da União nº 228 de 28 de novembro de 2007, Seção 1, f. 29, resolve:

Art. 1º REGISTRAR no Livro de Cadastro Geral nº 11 e CERTIFICAR que, conforme as declarações de Autodefinição e os processos em tramitação nesta Fundação Cultural Palmares, as Comunidades a seguir, SE AUTODEFINEM COMO REMANESCENTES DE QUILÔMBO.

Comunidade de São Benedito, localizada no município de São Fidélis/RJ. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.151 fl. 167.

Comunidade de Riacho dos Negros, localizada no município de São João do Piauí/PI. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.152 fl. 168.

Comunidade de Lagoas, localizada no município de São Raimundo Nonato/PI. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.153 fl. 169.

Comunidade de Fávila, localizada no município de Cangucu/RJ. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.154 fl. 170.

Comunidade de Urbana João Borges Vieira, localizada no município de Unaçu/GO. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.155 fl. 171.

Comunidade de Poço Salgado, localizada no município de João Costa/PI. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.156 fl. 172.

Comunidade de Bem Viver Vila Nova dos Poções, localizada no município de Janaúba/MG. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.157 fl. 173.

Comunidade de Igatemi, localizada no município de Cangucu/RJ. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.158 fl. 174.

Comunidade de Cruzeirinho, localizada no município de Natividade/RJ. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.159 fl. 175.

Comunidade de Canoão, localizada no município de Ibitiá/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.160 fl. 176.

Comunidade de Iticui da Armada, localizada no município de Santana do Livramento/RS. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.161 fl. 177.

Comunidade de Barra de Otis, localizada no município de Diamante/PB. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.162 fl. 178.

Comunidade de Pixaim, localizada no município de Pindaíba/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.163 fl. 179.

Comunidade de Namastê, localizada no município de Ubá/MG. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.164 fl. 180.

Comunidade de Santa Maria das Mangueiras, localizada no município de Dois Irmãos/TO. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.165 fl. 181.

Comunidade de Engenho do Matapi, localizada no município de Santana/AP. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.166 fl. 182.

Comunidade de São Sebastião da Boa Vista, localizada no município de Santos Dumont/MG. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.167 fl. 183.

Comunidade de Rio Grande, localizada no município de Bequimão/MA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.168 fl. 184.

Comunidade de Capão do Negro Cristo Rei, localizada no município de Várzea Grande/MT. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.169 fl. 185.

Comunidade de Lagoa Grande, localizada no município de Jenipapo de Minas/MG. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.170 fl. 186.

Comunidade de Laginha e Adjacências, localizada no município de Pindobacú/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.171 fl. 187.

Comunidade de Carrapato, Formiga e Ambrosio, localizada no município de Mateiros/TO. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.172 fl. 188.

Comunidade de Serra de São Pedro, localizada no município de Salão/PE. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.173 fl. 189.

Comunidade de Vila Cruzeiro, localizada no município de Itirapuaçu/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.174 fl. 190.

Comunidade de Sitio Baixa do Caldeirão, localizada no município de Afrânio/PE. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.175 fl. 191.

Comunidade de Bananeiras de Santa Efigênia, localizada no município de Pindobacú/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.176 fl. 192.

Comunidade de Botofogo, localizada no município de Tabuleiro/MG. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.177 fl. 193.

Comunidade de Sitio Veiga, localizada no município de Quixadá/CE. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.178 fl. 194.

Comunidade de Represa, localizada no município de Ponto Novo/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.179 fl. 195.

Comunidade de Lagoado, localizada no município de Mirangaba/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.180 fl. 196.

Comunidade de Cabeça da Vaca I, localizada no município de Filadélfia/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.181 fl. 197.

Comunidade de Jussarinha, localizada no município de Santana do Mundau/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.182 fl. 198.

Comunidade de Sapé, localizada no município de Igreja Nova/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.183 fl. 199.

Comunidade de Candiota, localizada no município de Candiota/RS. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.184 fl. 200.

Comunidade de Minador, localizada no município de Novo Oriente/RS. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.185 fl. 201.

Comunidade de Lagoa do Galdêncio, localizada no município de Lapão/BA. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 011, Registro n. 1.186 fl. 202.

Art. 2º REGISTRAR no Livro de Cadastro Geral nº 12 e CERTIFICAR que, conforme as declarações de Autodefinição e os processos em tramitação nesta Fundação Cultural Palmares, as Comunidades a seguir, SE AUTODEFINEM COMO REMANESCENTES DE QUILÔMBO.

Comunidade de Abobreiras, localizada no município de Teotônio Vilela/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.187 fl. 02.

Comunidade de Birrus, localizada no município de Teotônio Vilela/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.188 fl. 03.

Comunidade de Barro Preto, localizada no município de Água Branca/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.189 fl. 04.

Comunidade de Serra das Viúvas, localizada no município de Água Branca/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.190 fl. 05.

Comunidade de Aguzinha, localizada no município de Olho D'Água das Flores/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.191 fl. 06.

Comunidade de Guarani, localizada no município de Olho D'Água das Flores/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.192 fl. 07.

Comunidade de Lagoa das Pedras, localizada no município de Água Branca/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.193 fl. 08.

Comunidade de Engenho Mundo Novo, localizada no município de Areia/PB. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.194 fl. 09.

Comunidade de Nova Descoberta, localizada no município de Jelmo Marinho/RN. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.195 fl. 10.

Comunidade de Fonseca, localizada no município de Marnaú/PR. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.196 fl. 11.

Comunidade de São Gonçalo, localizada no município de Carnaubeira da Penha/PE. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.197 fl. 12.

Comunidade de Santa Filomena, localizada no município de Palestina/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.198 fl. 13.

Comunidade de Buril, localizada no município de Pariconha/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.199 fl. 14.

Comunidade de Malhada Vermelha, localizada no município de Pariconha/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.200 fl. 15.

Comunidade de Sitio Belo Horizonte, localizada no município de Traipu/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.201 fl. 16.

Comunidade de Urucu, localizada no município de Traipu/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.202 fl. 17.

Comunidade de Sabalungá, localizada no município de Viçosa/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.203 fl. 18.

Comunidade de Gurgumba, localizada no município de Viçosa/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.204 fl. 19.

Comunidade de Mucuca, localizada no município de Jaramatins/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.205 fl. 20.

Comunidade de Serninha dos Cocos, localizada no município de Senador Rui Pimenta/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.206 fl. 21.

Comunidade de Boni Despacho, localizada no município de Passo do Camaragibe/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.207 fl. 22.

Comunidade de Caboclo, localizada no município de São José da Tapera/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.208 fl. 23.

Comunidade de Cacimba do Barro, localizada no município de São José da Tapera/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.209 fl. 24.

Comunidade de Mariana, localizada no município de Santana do Mundau/AL. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.210 fl. 25.

Comunidade de Kulumbú do Panazinho, localizada no município de Otapogues/AP. Registrada no Livro de Cadastro Geral nº 012, Registro n. 1.211 fl. 26.

Anexo 4 – Formulário semi estruturado para obtenção dos dados sociais e etnofarmacológicos.



QUESTIONÁRIO: ETNOFARMACOLOGIA EM COMUNIDADES QUILOMBOLAS

Nº

Comunidade:		Aplicador:	Nome do entrevistado:		Idade:	Data:
Ocupação:	Sexo: M()/ F()	Religião: Católico()/ Umbandista() Outros(): _____	Nascido na comunidade: Sim()/ Não()		Escolaridade: Analf.()/ Ens. Fund.()/ Médio()/ Sup.()	
Com quem aprendeu sobre as plantas medicinais:	Recomenda plantas medicinais? Sim()/ Não()	A quanto tempo recomenda plantas medicinais?	Com qual frequência as pessoas te procuram para consultas informais?	Quem são as pessoas que mais adoecem na comunidade: Idoso() adulto() criança() Mulher () Homem()	Quais os problemas de saúde mais comuns na comunidade:	
Alguém aprendeu a utilizar plantas com o (a) senhor (a): Sim()/ Não (); Quem: _____ Quantos: _____	Além das plantas, utilizam algum animal ou mineral como remédio? Sim ()/ Não (); O que: _____		Utiliza remédios industrializados: Sim ()/ Não ();		Em relação às plantas medicinais os remédios industrializados apresentam efeito: Maior ()/ Igual ()/ Menor ()	
Têm acesso ao sistema formal/pública de saúde? Sim ()/ Não ()	Confia no sistema formal de saúde? Sim ()/ Não ()	Utiliza o sistema formal de saúde? Sim ()/ Não ()	Com qual frequência vai ao médico:	Informa ao médico sobre o uso de plantas Medicinais Sim ()/ Não ()	Qual é a opinião do médico sobre o uso de plantas medicinais: A favor ()/ Contra ()/ Não opinou ()	
Utiliza algum ritual para cura: Sim ()/ Não ()		Caso faça rituais, utiliza plantas? Sim ()/ Não ()	Têm algum guia espiritual? Sim()/ Não() Quem:		Demais informações relevantes:	

NOME DA PLANTA	USOS	PARTE UTILIZADA	MÉTODO DE PREPARO	QUANTIDADES/INGREDIENTES	POSOLOGIA	DURAÇÃO DO TRATAMENTO	MODO DE USO	TOXIDEZ	ONDE CONSEGUE	LUA E HORA DE COLETA	DEMAIS INFORMAÇÕES

Anexo 5 – Termo compromisso da pesquisa com a comunidade.



Termo de Consentimento Prévio Assistido

Nome do Projeto: Produção de plantas medicinais e fitoterapia em municípios do entorno de Juiz de Fora/MG.

Objetivo: Estudo Etnobotânico de Plantas medicinais em comunidades Quilombolas

Nome do Responsável: Daniel Sales Pimenta

O estudo de que você está prestes a participar é parte de uma série de estudos sobre o conhecimento que você tem e o uso que você faz das plantas de sua região para medicina e não visa nenhum benefício econômico para os pesquisadores ou qualquer outra pessoa ou instituição. É um estudo amplo, que tem vários participantes, sendo coordenado pelo Laboratório de Anatomia Vegetal - Departamento de Botânica no ICB da Universidade Federal de Juiz de Fora. O estudo emprega técnicas de entrevistas e conversas informais, bem como observações diretas e registros de imagem e som quando permitido, sem riscos de causar prejuízo aos participantes, exceto um possível constrangimento com as nossas perguntas ou presença. Caso você concorde em tomar parte nesse estudo, será convidado a participar de várias tarefas, como entrevistas, listar as plantas que você conhece e usa da região, ajudar os pesquisadores a coletar essas plantas, mostrar, se for o caso, como você as usa no seu dia a dia. Todos os dados coletados com sua participação serão organizados de modo a proteger a sua identidade. Concluído o estudo, não haverá maneira de relacionar seu nome com as informações que você nos forneceu. Qualquer informação sobre os resultados do estudo lhe será fornecida quando este estiver concluído. Você tem total liberdade para se retirar do estudo a qualquer momento. Caso concorde em participar, assine por favor seu nome abaixo, indicando que leu e compreendeu a natureza do estudo e que todas as suas dúvidas foram esclarecidas.

Data: ___/___/___

Assinatura do participante ou impressão dactiloscópica

Assinatura do(s) pesquisador (es): _____

Assinatura da(s) testemunha(s): _____